

UC-NRLF



B 3 792 544

Est. 386

Prat. 1

Liv. 54

RESERVE
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA





12911

OLAVO BILAC

POESIAS

1884—1887

(Panoplias — Via-lactea — Sarças de fogo)



S. PAULO

TEIXEIRA & IRMÃO — EDITORES

RUA DE S. BENTO, 26-A

1888

POESIAS

OLAVO BILAC

POESIAS

1884 — 1887

(Panoplias — Via-lactea — Sarças de fogo)

S. PAULO

TEIXEIRA & IRMÃO — EDITORES
RUA DE S. BENTO, 26-A

1888

LOAN STACK

PQ 9697
B55A17
1888

PANOPLIAS

027

I

PROFISSÃO DE FÉ

Le poète est ciseleur,
Le ciseleur est poète.

VICTOR HUGO.

*Não quero o Zeus Capitolino
Herculeo e bello
Talhar no marmore divino
Com o camartello,*

*Que outro — não eu! — a pedra córte
Para, brutal,
Erguer de Athene o altivo porte
Descommunal.*

*Mais que esse vulto extraordinario,
Que assombra a vista,
Seduç-me um leve relicario
De fino artista.*

*Invejo o ourives quando escrevo :
Imito o amor
Com que elle, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flôr.*

*Imito-o. E pois, nem de Carrara
A pedra firo :
O alvo crystal, a pedra rara,
O onyx prefiro.*

*Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A penna, como em prata firme
Corre o cinzel.*

*Corre; desenha, enfeitã a imagem,
A idéa veste :
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.*

Torce, aprimora, alteia, lima
A phrase; e, emfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrophe crystallina,
Dobrada ao geito
Do ourives, saia da officina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão subtil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E hórás sem conto passo, mudo,
O olhar attento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever — tanta pericia,
Tanta requer,
Que officio tal... nem ha noticia
De outro qualquer.

*Assim procedo. Minha penna
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Fôrma!*

*Deusa! A onda yil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer, e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!*

*Bláspheмо, em grita surda e horrendo
Impeto, o bando
Venha dos Barbaros crescendo,
Vociferando...*

*Deixa-o: que venha e uivando passe
— Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!*

*Olha-os sómente, armada e prompta,
Radiante e bella:
E, ao braço o escudo, a raiva affronta
D'essa procella!*

*Este que á frente vem, e o todo
 Possui minaz
 De um Vandalo ou de um Wisigodo
 Cruel e audaz;*

*Este, que, d'entre os mais, o vulto
 Ferrenho alteia,
 E, em jacto, expelle o amargo insulto
 Que te enlameia :*

*É em vão que as forças cança, e á lucta
 Se atira : é em vão
 Que brande no ar a maça bruta
 Á bruta mão.*

*Não morrerás, Deusa sublime!
 Do throno egregio
 Assistirás intacta ao crime
 Do sacrilegio.*

*E, se morreres porventura,
 Possa eu morrer
 Comtigo, e a mesma noite escura
 Nos envolver!*

*Ah! ver por terra, profanada,
A ara partida,
E a Arte immortal aos pés calcada,
Prostituida!...*

*Ver derribar do eterno solio
O Bello, e o som
Ouvir da queda do Acropolio,
Do Parthenon!...*

*Sem sacerdote, a Crença morta
Sentir, e o susto
Ver, e o exterminio, entrando a porta
Do templo augusto!...*

*Ver esta lingua, que cultivo,
Sem ouuropeis,
Mirrada ao halito nocivo
Dos infieis!...*

*Não! Morra tudo o que me é caro,
Fique eu sosinho!
Que não encontre um só amparo
Em meu caminho!*

*Que a minha dôr nem a um amigo
Inspire dô...*

*Mas, ah! que eu fique só contigo,
Contigo só!*

*Vive! que eu viverei, servindo
Teu culto, e, obscuro,
Tuas custodias esculpindo
No ouro mais puro.*

*Celebrarei o teu officio
No altar: porém,
Se inda é pequeno o sacrificio,
Morra eu tambem!*

*Caia eu tambem, sem esperança,
Porém tranquillo,
Inda, ao cahir, vibrando a lança,
Em prol do Estylo!*

Rio de Janeiro, julho de 1886.

II

A MORTE DE TAPYR

(A CÓRA GUIMARÃES)

Foi assim que morreu Mogghar-Tapyr-Graúna:

I

Cahia lentamente a tarde. Uma columna
De chammas, faixas de ouro e purpuras ondeantes
Subia o firmamento. Accesos véos, radiantes
Rubras nuvens, do sol á viva luz, do Poente
Vinham, soltas, correr o espaço resplendente.
Foi a essa hora, — ás mãos o arco possante, á cinta
Do leve enduape a tanga em varias côres tinta,
A aiucára ao pescoço, o kanitar á testa, —
Que Tapyr penetrou no seio da floresta.
Era de vêl-o assim, com o vulto enorme ao pêso

Dos annos acurvado, o olhar faiscando acceso,
Firme o passo apezar da extrema idade, e forte.
Ninguem, como elle, em face, ativo e herculeo, a morte
Tantas vezes fitou... Ninguem, como elle, o braço
Erguendo, a lança aguda atirava no espaço.
Quanta vez, do uapy ao rouco troar, ligeiro
Como a corça, ao rugir do estrepito guerreiro
O tacape brutal rodando no ar, terrível,
Incolume, vibrando os golpes, — insensível
Ás preces, ao clamor dos gritos, surdo ao pranto
Das victimas, — passou, como um tufão, o espanto,
O exterminio, o terror atraz de si deixando!
Quanta vez do inimigo o embate rechaçando
Por si só, foi seu peito uma muralha erguida.
Em que vinha bater e quebrar-se vencida
De uma tribu contraria a onda medonha e bruta!
Onde um pulso que, tal como seu pulso, á lucha
Costumado, um por um, ao chão arremessasse
Dez combatentes? Onde um arco, que atirasse
Mais celere, a zunir, a fina flecha hervada?
Quanta vez, a vagar na floresta cerrada,
Peito a peito luctou com as fulvas onças bravas,
E as onças a seus pés tombaram, como escravas,
Nadando em sangue quente, e, em roda, o écho infinito
Despertando, ao morrer, com o derradeiro grito!...
Quanta vez! E hoje velho, hoje abatido!

II

E o dia

Entre os sanguineos tons do Occaso decahia...
E era tudo em silencio, adormecido e quedo...
De subito, um tremor correu todo o arvoredado:
E o que ha pouco era calma, agora é movimento,
Treme, agita-se, acorda, e se lastima... O vento
Falla: «Tapyr! Tapyr! E' finda a tua raça!»
E em tudo a mesma voz mysteriosa passa;
As arvores e o chão despertam, repetindo:
«Tapyr! Tapyr! Tapyr! O teu poder é findo!»

E, a essa hora, ao fulgor do derradeiro raio
Do sol, que o disco de ouro, em lucido desmaio,
Quasi no extremo céu de todo mergulhava,
Aquella estranha voz pela floresta echoava
N'um confuso rumor entrecortado, insano...
Como que em cada tronco havia um peito humano
Que se queixava... E o velho, humido o olhar, seguia.
E, a cada passo assim dado na matta, via
Surgir de cada canto uma lembrança... Fôra
D'esta immensa mangueira á sombra protectora
Que um dia repousára... Além, a arvore annosa,

Em cujos galhos, no ar erguidos, a formosa,
 A doce Juracy a rêde suspendêra,
 —A rêde que, com as mãos finissimas, tecêra
 Para elle, seu senhor e seu guerreiro amado.
 Alli...—contai-o vós!—contai-o, embalsamado
 Retiro, ninhos no ar suspensos, aves, flores!...
 Contai-o—o poema ideal dos primeiros amores,
 Os corpos um ao outro estreitamente unidos,
 Os abraços sem conta, os beijos, os gemidos,
 E o rumor do noivado, estremecendo a matta,
 Sob o placido olhar das estrellas de prata...

.....
 Juracy! Juracy! virgem morena e pura!
 Tu tambem! tu tambem desceste á sepultura!...

III

E Tapyr caminhava... Ante elle agora um rio
 Corria; e a agua tambem, ao crebro murmurio
 Da corrente, a rolar, gemia anciosa e clara:
 —«Tapyr! Tapyr! Tapyr! Que é da veloz igara,
 Que é dos remos dos teus? Não mais as rêdes finas

Vêm na pesca sondar-me as aguas crystalinas...
Ai! não mais beijarei os corpos luxuriantes,
Os curvos seios nús, as fórmãs palpitantes
Das morenas gentis de tua tribu extincta!
Não mais! Depois dos teus de bronzea pelle tinta
Com os succos do urucú, de pelle branca vieram
Outros, que a ti e aos teus nas selvas succederam...
Ai! Tapyr! ai! Tapyr! A tua raça é morta!—»
E o indio, tremulo, ouvindo aquillo tudo, absorta
A alma em scismas, seguiu, curva a cabeça ao peito...
Agora da floresta o chão não mais direito
Estendia-se, e plano: era um declive; e quando
Pelo tortuoso anfracto, a custo, caminhando
Ao crepusculo, pôde o velho, passo a passo,
A montanha alcançar, viu que a noite no espaço
Vinha a negra legião das sombras esparzindo...
Crescia a treva. A medo, entre as nuvens luzindo,
No alto, a primeira estrella o calix de ouro abria...
Outra após scintillou na esphera immensa e fria...
Outras vieram... e, em breve, o céo de lado a lado,
Foi como um cofre real de perolas coalhado.

*

IV

Então, Tapyr, de pé, no arco apoiado, a fronte
Ergueu, e o olhar passeou no infinito horizonte:
Acima o abysmo, abaixo o abysmo, o abysmo adiante...
E, longe, entre o negror da noite, viu, distante,
Alvejando no valle, as tabas do estrangeiro...
Tudo extincto!... era elle o ultimo guerreiro!
E do valle, do céu, do rio, da montanha,
De tudo que o cercava, ao mesmo tempo, estranha,
Rouca, extrema, rompeu a mesma voz:

—«E' finda

Toda a raça dos teus: Só tu és vivo ainda!
Tapyr! Tapyr! Tapyr! morre tambem com ella!
Já não falla Tupan no ullular da procella...
As batalhas de outr'ora, os arcos e os tacapes,
As florestas sem fim de flechas e acanguapes,
Tudo passou! Não mais a féra inubia á bocca
Dos guerreiros, Tapyr, sôa medonha e rouca.
E' mudo o maracá. A tribu exterminada
Dorme agora feliz na Montanha Sagrada...
Nem uma rêde o vento entre os galhos agita!
Não mais o vivo som de estranha dança, e a grita

Dos Pagés, ao luar, por baixo das folhagens,
Rompe os ares... Não mais! As poracés selvagens,
As guerras e os festins, tudo passou! E' finda
Toda a raça dos teus... Só tu és vivo ainda!»

V

E n'um longo soluço a voz mysteriosa
Expirou... Caminhava a noite silenciosa:
E era tranquillo o céu; era tranquilla em roda,
Immersa em plumbeo somno, a natureza toda.

E, no tópe do monte, era de vêr erguido
O vulto de Tapyr... Inesperado, um ruido
Secco, surdo soou, e o corpo do guerreiro
De subito rolou pelo despenhadeiro...
E o silencio outra vez cahiu.

N'esse momento,
Apontava o luar no curvo firmamento.

III

A GONÇALVES DIAS

Celebraste o dominio soberano
Das grandes tribus, o tropel fremente
Da guerra bruta, o entrechocar insano
Dos tacapes vibrados rijamente,

O maracá e as flechas, o estridente
Troar da inubia, e o kanitar indiano...
E, eternisando o povo americano,
Vives eterno em teu poema ingente.

Estes revoltos, largos rios, estas
Zonas fecundas, estas seculares
Verdejantes e amplissimas florestas .

Guardam teu nome: e a lyra que pulsaste
Inda se escuta, a derramar nos ares
O estridor das batalhas que contaste.



IV

GUERREIRA

E' a incarnaçãõ do mal. Pulsa-lhe o peito
Ermo de amor, deserto de piedade...
Tem o olhar de uma deusa e o altivo aspecto
Das cruentas guerreiras de outra idade.

O labio ao rictus do sarcasmo affeito
Crispa-se-lhe n'um riso de maldade,
Quando, talvez, as pompas, com despeito,
Recorda da perda magestade.

E assim, com o seio ancioso, o porte erguido,
Córada a face, a ruiva cabelleira
Sobre as amplas espaldas derramada,—

Faltam-lhe apenas a sangrenta espada
Inda rubra da guerra derradeira,
E o capacete de metal polido.



V

A UM GRANDE HOMEM

Heureuse au fond du bois la source pauvre et pure

LAMARTINE.

Olha: Era um tenue fio
 De agua escassa. Cresceu. Tornou-se em rio
 Depois. Roucas, as vagas
 Engrossa agora, e é turbido e bravo,
 Roendo penedos, alagando plagas.

Humilde arroio brando!...
 N'elle, no emtanto, as flores, inclinando
 O debil caule, inquietas
 Miravam-se. E, em seu claro espelho, o bando
 Se revia das leves borboletas.

Tudo, porém: — cheirosas
Plantas, curvas ramadas rumorosas,
Humidas relvas, ninhos
Suspensos no ar entre jasmíns e rosas,
Tardes cheias da voz dos passarinhos, —

Tudo, tudo perdido
Atraz deixou. Cresceu. Desenvolvido,
Foi alargando o seio,
E do alpestre rochedo, onde nascido
Tinha, crespo a rolar descendo veio...

Cresceu. Atropelladas,
Soltas, grossas, as ondas apressadas
Estendeu largamente,
Tropeçando nas pedras espalhadas,
No galope impetuoso da corrente...

Cresceu. E é poderoso:
Mas, enturba-lhe a face o lodo ascoso...
E' grande, é largo, é forte:
Mas, de parceiros cortado, caudaloso
Leva nas dobras de seu manto a morte.

Implacavel, violento,
 Rijo o vergasta o latego do vento.
 Das estrellas, cahindo
 Sobre elle em vão do claro firmamento,
 Batem os raios limpidos, luzindo.

Nada reflecte, nada!
 Com o surdo estrondo espanta a ave assustada;
 E' turvo, é triste agora...
 Onde a vida de outr'ora socegada?
 Onde a humildade e a limpidez de outr'ora?

.....

Homem que o mundo acclama!
 Semi-deus poderoso cuja fama
 O mundo com vaidade
 De echo em echo no seculo derrama
 Aos quatro ventos da celebridade!

Tu, que humilde nasceste,
 Fraco e obscuro mortal, tambem cresceste
 De victoria em victoria,
 E, hoje, inflado de orgulhos, ascendeste
 Ao solio excelso do esplendor da gloria!...

Mas, ah! n'esses teus dias
De fausto, entre essas pompas luzidias,
—Rio soberbo e nobre!
Has-de chorar o tempo em que vivias
Como um arroio socegado e pobre...



VI

A SÉSTA DE NERO

Fulge de luz banhado, esplendido e sumptuoso,
O palacio imperial de porphyro luzente
E marmore da Laconia. O tecto caprichoso
Mostra, em prata incrustado, o nacar do Oriente.

Nero no tóro eburneo estende-se indolente...
Gemma em profusão no estragulo custoso
De ouro bordado vêem-se. O olhar deslumbra, ardente,
Da purpura da Thracia o brilho esplendoroso.

Formosa ancilla canta. A aurilavrada lyra
Em suas mãos soluça. Os ares perfumando,
Arde a myrrha da Arabia em rescendente pyra.

Fórmãs quebram, dansando, escravas em choréa...
E Nero dorme, sonha, a fronte reclinando
Nos alvos seios nús da lubrica Poppéa.



VII

O INCENDIO DE ROMA

Raiva o incendio. A ruir, soltas, desconjunctadas,
As muralhas de pedra—o espaço adormecido
De echo em echo acordando ao medonho estampido,—
Como a um sopro fatal, rolam esphaceladas.

E os templos, os museus, o Capitolio erguido
Em marmor phrygio, o Fôro, as erectas arcadas
Dos aqueductos, tudo as garras inflammadas
Do incendio cingem, tudo esbrôa-se partido.

3

Longe, reverberando o clarão purpurino,
Arde em chammas o Tibre e accende-se o horizonte...
— Impassivel, porém, no alto do Palatino,

Nero, com o manto grego ondeando ao hombro, assoma
Entre os libertos, e ebrio, engrinaldada a fronte,
Lyra em punho, celebra a destruição de Roma.



VIII

O SONHO DE MARCO-ANTONIO

(A RAYMUNDO CORRÊA)

Noite. Por todo o largo firmamento
Abrem-se os olhos de ouro das estrellas...
Só perturba a mudez do acampamento
O passo regular das sentinellas.

Brutal, febril, entre canções e brados,
Entrara pela noite adiante a orgia;
Em borbotões, dos cantharos lavrados
Jorrava o vinho. O exercito dormia.

*

Insomne, emtanto, véla alguém na tenda
Do general. Esse, entre os mais sosinho,
Vence a fadiga da batalha horrenda,
Vence os vapores callidos do vinho.

Torvo e cerrado o cenho, o largo peito
Da couraça despido e arfando ancioso,
Livida a face, taciturno o aspeito,
Marco-Antonio medita silencioso.

Da lampada de prata a luz escassa
Resvala pelo chão. A quando e quando,
Treme, enfunada á viração que passa,
A cortina de purpura oscillando.

O general medita. Como, soltas
Do alveo de um rio transvasado, as aguas
Crescem, cavando o solo, — assim, revoltas,
Fundas a alma lhe vão sulcando as maguas.

Que vale a Grecia, e a Macedonia, e o enorme
Territorio do Oriente, e este infinito
E invencivel exercito que dorme?
Que doces braços que lhe estende o Egypto!...

Que vença Octavio ! e seu rancor profundo
 Leve da Hispania á Syria a morte e a guerra !
 Ella é o céo... Que valor tem todo o mundo,
 Se os mundos todos seu olhar encerra !

Elle é valente e ella o subjuga e o doma...
 Só Cleopatra é grande, amada e bella !
 Que importa o Imperio e a salvação de Roma ?
 Roma não vale um só dos beijos d'ella !...

Assim medita. E allucinado, louco
 De pesar, com a fadiga em vão luctando,
 Marco-Antonio adormece a pouco e pouco,
 Nas largas mãos a fronte reclinando.

II

A harpa suspira. O melodioso canto,
 De uma voluptia languida e secreta,
 Ora interpreta o dissabor e o pranto,
 Ora as paixões violentas interpreta.

Amplu docel de seda levantina
Por columnas de jaspe sustentado
Cobre os setins e a cachemira fina
Do regio leito de ebano lavrado.

Move o leque de plumas uma escrava.
Véla a guarda lá fóra. Recolhida,
Os petreos olhos uma esphyngue crava
Nas formas da rainha adormecida.

Mas Cleopatra acorda... E tudo, ao vél-a
Acordar, treme em roda, e pasma e a admira :
Desmaia a luz, no céo descora a estrella,
Como que a esphyngue move-se e suspira...

Acorda. E o torso arqueando, ostenta o lindo
Collo opulento e sensual que oscilla...
Murmura um nome e, as palpebras abrindo,
Mostra o fulgor radiante da pupilla.

III

Ergue-se Marco-Antonio de repente...
Ouve-se um grito estridulo que sôa
O silencio cortando, e longamente
Pelo deserto acampamento echôa.

O olhar em fogo, os carregados traços
Do rosto em contracção, alto e direito
O vulto enorme,—no ar levanta os braços,
E nos braços aperta o proprio peito.

Olha em torno e desvaira. Ergue a cortina,
A vista alonga pela noite afóra...
Nada vê. Longe, á porta purpurina
Do Oriente, em chammas vem raiando a aurora.

E a noite foge. Em todo o firmamento
Vão se fechando os olhos das estrellas:
Só perturba a mudez do acampamento
O passo regular das sentinellas.

IX

LENDO A ILLYADA

Eil-o o poema de assombros — céo cortado
De relampagos — onde a alma potente
De Homero vive, e vive eternizado
O espantoso poder da argiva gente.

Arde Troya... De rastos passa atado
O heroe ao carro do rival, e ardente,
Bate o sol sobre um mar illimitado
De capacetes e de sangue quente.

Mais que as armas, porém, mais que a batalha,
Mais que os incendios, brilha o amor que atéa
O odio e entre os povos a discordia espalha •

—Esse amor que ora activa, ora serena
A guerra, e o heroico Páris encadêa
Aos curvos seios da formosa Helena.



X

MESSALINA

A * * *

Recordo, ao ver-te, as epochas sombrias
Do passado. Minh'alma se transporta
A' Roma antiga, e da cidade morta
Dos Cezares reanima as cinzas frias ;

Triclinios e vivendas luzidias
Percorre; pára de Suburra á porta,
E o confuso clamor escuta, absorta,
Das desvairadas e febris orgias.

Ahi, n'um throno erecto sobre a ruina
De um povo inteiro, tendo á fronte impura
O diadema imperial de Messalina,

Vejo-te bella, estatua da loucura !
Erguendo no ar a mão nervosa e fina,
Tinta de sangue, que um punhal segura.



XI

A RONDA NOCTURNA

Noite cerrada, tormentosa, escura,
Lá fóra. Dorme em trevas o convento.
Queda immoto o arvoredado. Não fulgura
Uma estrella no torvo firmamento.

Dentro é tudo mudez. Flebil murmura
De espaço a espaço, emtanto, a voz do vento:
E ha um rasgar de sudarios pela altura,
Passo de spectros pelo pavimento...

Mas, de subito, os gonzos das pesadas
Portas rangem... Echôa surdamente
Leve rumor de vozes abafadas.

E, ao clarão de uma lampada tremente,
Do claustro sob as tacitas arcadas
Passa a ronda nocturna, lentamente.



XII

DELENDÁ CARTHAGO!

A ALBERTO DE OLIVEIRA

I

Fulge e dardeja o sol nos amplos horizontes
Do céo da Africa. Ao largo, em plena luz, dos montes
Destacam-se os perfis. Tremulamente ondeia
Vasto oceano de prata, a requeimada areia.
O ar, pesado, suffóca. E, desfraldando ovantes
Das bandeiras ao vento as préguas ondulantes,
Desfilam as legiões do exercito romano
Diante do general Scipião Emiliano.

Tal soldado sopeza a clava de madeira.
Tal, que a custo soffrêa a colera guerreira,
Maneja a bipennata e rude machadinha.
Este, á ilharga pendente, a rutila bainha
Leva do gladio. Aquelle a poderosa maça
Carrega, e ás largas mãos a ensaia. A custo passa,
Curvado sob o pêso e de fadiga afflando,
De guerreiros um grupo, os arietes levando...
Brilham em confusão cristados capacetes...
Cavalleiros, contendo os árdidos ginetes,
Solta a clamyde ao hombro, ao braço afivelado
O concavo broquel de cobre cinzelado,
Brandem o pilum no ar. Resona, a espaços, rouca,
A bellica buccina. A tuba cava á bocca
Dos Enneatores troa. Hordas de sagittarios
Veem-se, de arco e carcaz armados. O ouro e os varios
Ornamentos de prata embutem-se, em tauxias
De um correcto lavor, nas armas luzidias
Dos generaes. E, ao sol, que, entre nuvens, scintilla,
Em torno de Carthago o exercito desfila.

Mas, passada a surpresa, ás pressas, a cidade
Aos escravos cedera armas e liberdade,
E era toda rumor e agitação. Fundindo
Todo o metal que havia, ou, celeres, brunindo

Espadas e punhaes, capacetes e lanças,
Viam-as a trabalhar os homens e as creanças.

Heroicas, abafando os soluços e as queixas,
As mulheres, tecendo os fios das madeixas,
Cortavam-n'as.

Cobrindo espaduas deslumbrantes,
Cercando a carnação de seios palpitantes
Como véos de velludo, e provocando beijos,
Excitaram paixões e lubricos desejos
Essas tranças da cor das noites tormentosas...
Quantos labios, ardendo em sedes luxuriosas,
Tocaram-n'as outr'ora, entre febris abraços!...
Tranças que tanta vez — frageis e doces laços! —
Foram cadeias de ouro invenciveis, prendendo
Almas e corações, — agora, distendendo
Os arcos, despedindo as settas aguçadas,
Iam levar a morte... — ellas, que, perfumadas,
Outr'ora tanta vez deram a vida e o alento
Aos prezos corações !...

Triste, entretanto, lento,
Ao pesado labor do dia succedera
O silencio nocturno. A treva se estendera :

Adormecera tudo. E, no outro dia, quando
Veio de novo o sol, e a aurora, rutilando,
Encheu o firmamento e illuminou a terra,
A lucta começou.

II

As maquinas de guerra

Movem-se. Treme, estala, e parte-se a muralha,
Racha de lado a lado. Ao clamor da batalha
Estremece o arredor. Brandindo o pilum, promptas,
Confundem-se as legiões. Perdido o freio, ás tontas,
Desbocam-se os corceis. Enrijam-se, esticadas
Nos arcos, a ringir, as cordas. Aceradas,
Partem settas, zunindo. Os dardos, sibillando,
Cruzam-se. Eneos broqueis amolgam-se, resoando,
Aos embates brutaes dos piques arrojados.
Loucos, afuzilando os olhos, os soldados,
Preza a respiração, torvo e medonho o aspeito,
Pela ferrea squammata abroquelado o peito,
Se encrúam no furor sacudindo os macetes.

Não param, entretanto, os golpes dos arietes,
 Não cansam no trabalho os musculosos braços
 Dos guerreiros: Oscilla o muro. Os estilhaços
 Saltam das pedras. Gira, inda uma vez vibrada
 No ar a maquina bruta... E, subito, quebrada,
 Entre o insano clamor do exercito e o fremente
 Ruido surdo da queda, — estrepitosamente
 Rûe, desaba a muralha, e a petrea mole roda,
 Róla, remoinha, e tomba, e se esphacela toda...

Rugem acclamações. Como em cachões, furioso,
 Parte os diques o mar, roja-se impetuoso,
 As vagas encrespando acapelladas, brutas,
 E inunda povoações, enche valles e grutas,
 E vae semeando o horror e propagando o estrago,
 — Tal o exercito entrou as portas de Carthago...

O ar, os gritos de dor e susto, espaço a espaço,
 Cortavam. E, a bramir, atropellado, um passo
 O invasor turbilhão não deu victorioso,
 Sem que deixasse atraz um rastro pavoroso
 De feridos. No Occaso, o sol morria, exargue:
 Como que reflectia o firmamento o sangue
 Que tingia de rubro a lamina brilhante

*

Das espadas. Então, houve um supremo instante,
Em que, cravando o olhar no intrepido africano
Asdrubal, ordenou Scipião Emiliano :

« — Deixa-me executar as ordens do Senado!
« Carthago morrerá : perturba o illimitado
« Poder da invicta Roma . . . Entrega-te ! — »

Orgulhoso,

A frente levantando, ousado e rancoroso,
Disse o Carthaginez :

« — Emquanto eu tiver vida,
« Juro que não será Carthago demolida !
« Quando o incendio a envolver, o sangue d'este povo
« Ha-de apagal-o. Não ! Retira-te ! — »

De novo

Fallou Scipião :

« — Attende, Asdrubal ! Por mais forte
« Que seja o teu poder, ha-de prostral-o a morte !
« Olha ! A postos, sem conto, as legiões de Roma,
« Que Jupiter protege e que o pavor não doma,
« Vão começar em breve a mortandade infrene !
« Entrega-te ! — »

« — Romano, escuta-me ! (solemne,
« O outro volveu, e a raiva em sua voz rugia)
« Asdrubal é irmão de Annibal . . . Houve um dia,
« Em que, ante Annibal, Roma estremeceu vencida,
« E pasma recuou de subito ferida . . .

«Ficaram no lugar da pugna, ensanguentados,
 «Mais de setenta mil Romanos, trucidados
 «Pelo esforço e valor dos punicos guerreiros;
 «Seis alqueires de anneis dos mortos cavalleiros
 «Carthago arrecadou... Verás que, como outr'ora,
 «Do eterno Baal-Moloch a protecção agora
 «Teremos. A victoria ha-de ser nossa... Escuta:
 «Manda que recomece a carniceira lucta! —»

E horrivel, e feroz, durante a noite e o dia,
 Recomeçou a lucta. Em cada casa havia
 Um punhado de heroes. Seis vezes, pela face
 Do céo, seguiu seu curso o sol, sem que parasse
 O medonho estridor da sanha da batalha...
 Quando a noite descia, a treva era a mortalha
 Que envolvia, piedosa, os corpos dos feridos,
 Rolos de sangue e pó, blasphemias e gemidos,
 Precos e imprecações... As proprias mães, emtanto,
 Heroicas na afflicção, enxuto o olhar de pranto,
 Viam cahir sem vida os filhos. Combatentes
 Houve, que, não querendo aos golpes inclementes
 Do inimigo entregar os corpos das creanças,
 Matavam-n'as, erguendo as suas proprias lanças...

Por fim, quando de todo a vida desertando
 Foi a extincta cidade, e, lugubre, espalmando.

As azas negras no ar, pairou sinistra e horrenda
A morte, teve um fim a peleja tremenda,
E o incêndio começou.

III

Fraço e medroso, o fogo
A' branda viração tremeu um pouco, e logo,
Inda pallido e tenue, ergueu-se. Mais violento,
Mais rapido soprou por sobre a chamma o vento:
E o que era labareda, agora, ignea serpente,
Gigantesca, estirando o corpo, de repente
Desenrosca os anneis flammivomos, abraça
Toda a cidade, estala as pedras, cresce, passa,
Róe os muros, estronda, e solapando o sólo,
Os alicerces bróca, e estringe tudo. Um rolo
De plumbeo e denso fumo ennegrecido em torno
Se estende, como um véo, do comburente forno.
Na horrorosa eversão, dos templos arrancado
Vibra o marmore, salta; abre-se, estilhaçado,
Tudo o que o incendio aperta... E a fumarada cresce,
Sobe vertiginosa, espalha-se, escurece

O firmamento... E, sobre os restos da batalha,
Arde, voraz e rubra, a colossal fornalha...

Mudo e triste, Scipião, longe dos mais, no entanto
Deixa livre correr pelas faces o pranto...

E' que, — vendo rolar, n'um rapido momento,
Para o abysmo do olvido e do aniquillamento
Homens e tradições, revezes e victorias,
Batalhas e ambições — seis seculos de glorias
N'um punhado de cinza —, o general previa
Que Roma, a invicta, a forte, a armipotente havia
De ter o mesmo fim da orgulhosa Carthago...
E, perto, o crepitar estrepitoso e vago
Do incendio, que lavrava e inda rugia activo,
Era como o rumor de um pranto convulsivo...



VIA-LACTEA

Á QUE ME ESPERA

DEDICO.

Rio de Janeiro, 11 — 11 — 87.

O. B.

I

Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via
Que, aos raios do luar illuminada,
Entre as estrellas tremulas, subia
Uma infinita e scintillante escada.

E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada
Degráo, que o ouro mais limpido vestia,
Mudo e sereno, um anjo a harpa doirada,
Resoante de supplicas, feria...

Tu, Mãe sagrada! vós também, formosas
Illusões! sonhos meus! ieis por ella
Como um bando de sombras vaporosas.

E, ó meu amor! eu te buscava, quando
Vi que no alto surgias, calma e bella,
O olhar celeste para o meu baixando...



II

Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,
Me ouves agora com melhor ouvido:
Toda a anciedade, todo o mal soffrido
Em silencio, na antiga desventura...

Hoje, quero, em teus braços acolhido,
Revêr a estrada pavorosa e escura
Onde, beirando o abysmo da loucura,
Andei de pesadêlos perseguido.

Olha-a : torce-se toda na infinita
Volta dos sete circulos do inferno...
E nota aquelle vulto : as mãos eleva,

Tropeça, cáe, soluça, arqueja, grita,
Buscando um coração que foge, e eterno
Ouvindo-o perto palpar na treva !



III

Tantos esparsos vi profusamente
Pelo caminho que, a chorar, trilhava!
Tantos havia, tantos! E eu passava
Por todos elles frio e indifferente...

Emfim! emfim! pude com a mão tremente
Achar na treva aquelle que buscava...
Porque fugias, quando eu te chamava,
Cego e triste, tacteando, anciosamente?

Vim de longe, seguindo de erro em erro,
Teu fugitivo coração buscando
E vendo apenas corações de ferro.

Pude, porém, tocá-lo soluçando...
E hoje, feliz, dentro do meu o encerro,
E ouço-o, feliz, dentro do meu pulsando.



IV

Como a floresta secular, sombria,
Virgem do passo humano e do machado,
Onde apenas, horrendo, echôa o brado
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,
Assim tambem da luz do amor privado,
Tinhas o coração ermo e fechado,
Como a floresta secular, sombria.

*

Hoje, entre os ramos, a canção sonora
Soltam festivamente os passarinhos.
Tinge o cimo das arvores a aurora...

Palpitam flores, estremecem ninhos...
E o sol do amor que não entrava outr'ora,
Entra dourando a areia dos caminhos.



V

Dizem todos: « — Outr'ora como as aves
«Inquieta, como as aves tagarella,
«E hoje... que tens? Que sizudez revela
«Teu ar! que idéas e que modos graves!

«Que tens, para que em pranto os olhos laves?
«Sê mais risonha que serás mais bella! — »
Dizer. Mas no silencio e na cautela
Ficas firme e trancada a sete chaves...

E um diz: «— Tolices, nada mais! —» murmura
Outro: «— Caprichos de mulher faceira! —»
E todos elles afinal: «— Loucura! —»

Cegos que vos cansaes a interrogal-a!
Vêl-a bastava; que a paixão primeira
Não pela voz, mas pelos olhos falla.



VI

Em mim tambem, que descuidado vistes,
Encantado e augmentando o proprio encanto,
Tereis notado que outras cousas canto
Muito diversas das que outr'ora ouvistes,

Mas amastes, sem duvida... Portanto,
Meditae nas tristezas que sentistes:
Que eu, por mim, não conheço cousas tristes,
Que mais afflijam, que torturem tanto.

Quem ama inventa as penas em que vive :
E, em lugar de acalmar as penas, antes
Busca novo pezar com que aſ avive.

Pois sabei que é por isso que assim ando :
Que é dos loucos sómente e dos amantes
Na maior alegria andar chorando.



VII

Não têm faltado boccas de serpentes,
(D'essas que amam fallar de todo o mundo,
E a todo o mundo ferem, maldizentes)
Que digam: «— mata o teu amor profundo!

«Abafa-o, que teus passos imprudentes
«Vão-te levando a um pélagos sem fundo...
«Vaes-te perder! — » E, arreganhando os dentes,
Moveu para teu lado o olhar immundo:

« —Se ella é tão pobre, se não tem belleza,
« Irás deixar a gloria desprezada
« E os prazeres perdidos por tão pouco?

« Pensa mais no futuro e na riqueza! — »
E eu penso que afinal... Não penso em nada:
Penso apenas que te amo como um louco!



VIII

Em que céos mais azues, mais puros ares,
Vòã pomba mais pura ? Em que sombria
Moita mais nivea flor acaricia,
A' noite, a luz dos limpidos luares ?

Vives assim, como a corrente fria,
Que, intemerata, aos tremulos olhares
Das estrellas e á sombra dos palmares,
Corta o seio das mattas, erradia.

E envolvida de tua castidade,
De teu pudor na candida armadura,
Foges o amor, guardando a castidade,

— Como as montanhas, nos espaços francos
Erguendo os altos pincaros, a alvura
Guardam da neve que lhes cobre os flancos.



IX

De outras sei que se mostram menos frias,
Amando menos do que amar pareces.
Usam todas de lagrimas e preces :
Tu de acerbos risadas e ironias.

De modo tal minha attenção desvias,
Com tal pericia meu engano teces,
Que, se gelado o coração tivesses,
Certo, querida, mais ardor terias.

Olho-te: céga ao meu olhar te fazes...
Fallo-te—e com que fogo a voz levanto! —
Em vão... Finges-te surda ás minhas phrases...

Surda: e nem ouves meu amargo pranto!
Céga: e nem vês a nova dôr que trazes
A' dôr antiga que doía tanto!



X

Deixa que o olhar do mundo enfim devasse
Teu grande amor que é o teu maior segredo!
Que terias perdido, se, mais cedo,
Todo o affecto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo
Aos homens, affrontando-os face a face:
Quero que os homens todos, quando eu passe,
Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! Ando tão cheio
D'este amor, que minh'alma se consome
De te exaltar aos olhos do universo...

Ouçõ em tudo teu nome, em tudo o leio:
E, fatigado de calar teu nome,
Quasi o revelo no final de um verso.



XI

Todos esses louvores — bem o viste —
Não conseguiram demudar-me o aspecto:
Só me turbou esse louvor discreto
Que no volver dos olhos traduziste...

Inda bem que entendeste o meu affecto,
E, atravez d'estas rimas, presentiste
Meu coração que palpitava, triste,
E o mal que havia dentro em mim secreto.

Ai de mim, se de lagrimas inuteis
Estes versos banhasse, ambicionando
Das nescias turbas os applausos futeis!

Dou-me por pago, se um olhar lhes deres:
Fil-os pensando em ti, fil-os pensando
Na mais pura de todas as mulheres.



XII

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Sahi, ansioso por te ver: Corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo! Escutando
Meus passos, atravez da ramaria
Dos despertados passaros o bando:
«—Vae mais depressa! Parabens! —» Dizia.

*

Disse o luar: «— Espera! que eu te sigo:
Quero tambem beijar as faces d'ella! —»
E disse o aroma: «— Vae, que eu vou contigo! —»

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrella:
«— Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvil-a e vêl-a! —»



XIII

—Ora (dizeis) ouvir estrellas! Certo
Perdeste o senso! —E eu vos direi, no emtanto,
Que, para ouvil-as, muita vez desperto
E abro as janellas, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via lactea, como um pallio aberto,
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céo deserto.

Direis agora:— Tresloucado amigo!
Que conversas com ellas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?

E eu vos direi:— Amae para entendel-as!
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas.



XIV

Viver não pude sem que o fel provasse
D'esse outro amor que nos perverte e engana :
Porque homem sou, e homem não ha que passe
Virgem de todo pela vida humana.

Porque tanta serpente atra e profana
Dentro d'alma deixei que se aninhasse ?
Porque, abrazado de uma sede insana
A impuros labios entreguei a face ?

Depois dos labios soffregos e ardentes,
Senti — duro castigo aos meus desejos —
O gume fino de perversos dentes...

E não posso das faces polluidas
Apagar os vestigios d'esses beijos
E os sangrentos signaes d'essas feridas.



XV

A' ULTIMA

Inda hoje, o livro do passado abrindo,
Lembro-as, e punge-me a lembrança d'ellas;
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,
Estas cantando, soluçando aquellas.

Umas, de meigo olhar piedoso e lindo,
Sob as rosas de neve das capellas;
Outras, de labios de coral, sorrindo,
Desnudo o seio, lubricas e bellas. . .

Todas formosas como tu chegaram:
Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio,
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,
Nem teve olhar como esse olhar, tão cheio
De luz tão viva, que abrazasse tanto!



XVI

Lá fóra, a voz do vento ullule rouca!
Tu a cabeça no meu hombro inclina,
E essa bocca vermelha e pequenina
Aproxima, a sorrir, de minha bocca!

Que eu a fronte repouse anciosa e louca
Em teu seio — mais alvo que a neblina
Que, nas manhás hyemaes, humida e fina,
Da serra as grimpas verdejantes touca.

Solta as tranças agora, como um manto!
Canta! Embala-me o somno com teu canto!
E eu, aos raios tranquillos d'esse olhar,

Possa dormir sereno, como o rio
Que, em noites calmas, socegado e frio,
Dorme aos raios de prata do luar!...



XVII

Por estas noites frias e brumosas
E' que melhor se pode amar, querida!
Nem uma estrella pallida, perdida
Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas.

Mas um perfume callido de rosas
Corre á face da terra adormecida...
E a nevoa cresce, e, em grupos repartida,
Enche os ares de sombras vaporosas:

Sombras errantes, corpos nús, ardentes
Carnes lascivas... um rumor vibrante
De attrictos longos e de beijos quentes...

E os Céos se estendem, palpitando, cheios
Da tepida brancura fulgurante
De um turbilhão de braços e de seios.



XVIII

Dormes... Mas que sussurro a humedecida
Terra desperta ? Que rumor enleva
As estrellas, que no alto a Noite leva
Prêsas, luzindo, á tunica estendida ?

São meus versos ! Palpita a minha vida
N'elles — phalenas que a saudade eleva
De meu seio, e que vão, rompendo a treva,
Encher teus sonhos, pomba adormecida !

Dormes, com os seios nús, no travesseiro
Solto o cabelo negro... e eil-os, correndo,
Doudejantes, subtis, teu corpo inteiro...

Beijam-te a bocca tepida e macia,
Sobem, descem, teu halito sorvendo...
Porque surge tão cedo a luz do dia?!...



XIX

Sac a passeio, mal o dia nasce,
Bella, nas simples roupas vaporosas;
E mostra ás rosas do jardim as rosas
Frescas e puras que possúe na face.

Passa. E todo o jardim, por que ella passe,
Atavia-se. Ha fallas mysteriosas
Pelas moitas, saudando-a respeitosas...
E' como se uma sylphide passasse!

E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro...
Curvam-se as flores tremulas... O bando
Das aves todas vêm saudal-a em cântico...

E ella vae, dando ao sol o rosto brando,
Ás aves dando o olhar, ao vento o louro
Cabello, e ás flores os sorrisos dando...



XX

Olha-me! O teu olhar sereno é brando
Entra-me o peito, como um largo rio
De ondas de ouro e de luz, limpido, entrando
O ermo de um bosque tenebroso e frio.

Falla-me! Em grupos doudejantes, quando
Fallas, por noites callidas de estio,
As estrelas accendem-se, radiando,
Altas, semeadas pelo céu sombrio:

*

Olha-me assim! Falla-me assim! De pranto
Agora, agora de ternura cheia,
Abre em chispas de fogo essa pupilla...

E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto
Em seu fulgôr me abraço, uma sereia
Soluce e cante n'essa voz tranquilla!



XXI

(A MINHA MÃE)

Sei que um dia não ha, (e isso é bastante
A esta saudade, mãe!) em que a teu lado
Sentir não julgues minha sombra errante
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

— Minha mãe! minha mãe! — a cada instante
Ouves. Tornas, em lagrimas banhado,
O rosto, conhecendo soluçante
Minha voz e meu passo costumado.

E sentes alta noite no teu leito
Minh'alma na tua alma repousando,
Repousando meu peito no teu peito...

E encho os teus sonhos, em teus sonhos brilho,
E abres os braços tremulos, chorando,
Para nos braços apertar teu filho!



XXII

(A GOETHE)

Quando te leio, as scenas animadas
Por teu genio, as paizagens que imaginas,
Cheias de vida, avultam repentinas,
Claramente aos meus olhos desdobradas...

Vejo o céo, vejo as serras coroadas
De gelo, e o sol, que o manto das neblinas
Rompe, aquecendo as frigiditas campinas
E illuminando os valles e as estradas.

Ouço o rumor soturno da charrúa,
E os rouxinóes que, no carvalho erguido,
A voz modulam de ternuras cheia:

E vejo, á luz tristissima da lua,
Hermann, que scisma, pallido, embebido
No meigo olhar da loura Dorothea.



XXIII

(DE CALDERON)

Laura! Dizes que Fabio anda offendido
E, apesar de offendido, namorado,
Buscando a extincta chamma do passado
Nas cinzas frias avivar do olvido.

Vá que o faça, e que o faça por perdido
De amor... Creio que o faz por despitado:
Porque o amor, uma vez abandonado,
Não torna a ser o que já tinha sido.

Não lhe creias nos olhos nem na bocca,
Inda mesmo que os vejas, como pensaç,
Mentir caricias, desmentir tristezas...

Porque finezas sobre arrufos, louca,
Finezas podem ser; mas, sobre offensas,
Mais parecem vinganças que finezas.



XXIV

(A LUIZ GUIMARÃES)

Vejo-a, contemplo-a commovido... Aquella
Que amaste, e, de teus braços arrancada,
Desceu da morte a tenebrosa escada,
Calma e pura aos meus olhos se revela.

Vejo-lhe o riso placido, a singela
Feição, aquella graça delicada,
Que uma divina mão deixou vasada
No eterno bronze, eternamente bella.

Só lhe não vejo o olhar sereno e triste:
— Céu, poeta, onde as azas, suspirando,
Chorando e rindo loucamente abriste...

— Céu povoado de estrelas, onde as hordas
Dos archanjos cruzavam-se, pulsando
Das lyras de ouro as gemedoras cordas.



XXV

(A BOCAGE)

Tu que no pego impuro das orgias
Mergulhavas ancioso e descontente
E, quando á tona vinhas de repente,
Cheias as mãos de perolas trazias;

Tu que do amor e pelo amor vivias,
E que, como de limpida nascente,
Dos labios e dos olhos a torrente
Dos versos e das lagrimas vertias;

Mestre querido! viverás, enquanto
Houver quem pulse o magico instrumento,
E préze a lingua que prezavas tanto:

E enquanto houver n'um ponto do Universo
Quem ame e soffra, e amor e soffrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso.



XXVI

(A LYDIA COSTA)

Quando cantas, minh'alma, desprezando
O envolver do corpo, ascende ás bellas
Altas esferas de ouro, e, acima d'ellas,
Ouve archanjos as cytharas pulsando.

Corre os paizes longes, que revelas
Ao som divino do teu canto: e, quando
Baixas a voz, ella tambem, chorando,
Desce, entre os claros grupos das estrellas.

E expira a tua voz. Do paraiso,
A que subira ouvindo-te, cahido,
Fico a fitar-te pallido, indeciso...

E enquanto scismas, sorridente e casta,
A teus pés, como um passaro ferido,
Toda a minh'alma tremula se arrasta.



XXVII

(A UMA CRIANÇA)

Hontem — nescio que fui! — maliciosa
Disse uma estrella, a rir, na immensa altura:
«— Amigo! uma de nós, a mais formosa
«De todas nós, a mais formosa e pura,

«Faz annos amanhã... Vamos! procura
«A rima de ouro mais brilhante, a rosa
«De côr mais viva e de maior frescura! — »
E eu murmurei commigo: «— mentirosa! — »

E segui. Pois tão cego fui por ellas,
Que, enfim, curado pelos seus enganos,
Já não creio em nenhuma das estrellas...

E — mal de mim! — eis-me, a teus pés, em pranto...
Olha: se nada fiz para os teus annos,
Culpa as tuas irmãs que enganam tanto!



XXVIII

(A ANTONIO PARREIRAS)

Pinta-me a curva d'estes céos... Agora,
Erecta, ao fundo, a cordilheira apruma:
Pinta as nuvens de fogo de uma em uma,
E alto, entre as nuvens, o raiar da aurora.

Sólta, ondulando, os véos de espessa bruma,
E o valle pinta, e, pelo valle em fóra,
A correnteza turbida e sonora
Do Parahyba, em torvelins de espuma.

*

Pinta; mas vê de que maneira pintas...
Antes busques as cores da tristeza,
Poupando o esrinio das alegres tintas:

— Tristeza singular, estranha magua
De que vejo coberta a natureza,
Porque a vejo com os olhos rasos d'agua...



XXIX

Por tanto tempo, desvairado e afflicto,
Fitei n'aquella noite o firmamento,
Que inda hoje mesmo, quando acaso o fito,
Tudo aquillo me vem ao pensamento.

Sahi, no peito o derradeiro grito
Calcando a custo, sem chorar, violento...
E o céo fulgia placido e infinito,
E havia um choro no rumor do vento...

Piedoso céo, que a minha dor sentiste!
A aurea esphera da lua o Occaso entrava,
Rompendo as leves nuvens transparentes:

E sobre mim, silenciosa e triste,
A Via-lactea se desenrolava
Como um jorro de lagrimas ardentes.



XXX

Ao coração que soffre, separado
Do teu, no exilio em que a chorar me vejo,
Não basta o affecto simples e sagrado
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,
Nem só desejo o teu amor: desejo
Ter nos braços teu corpo delicado,
Ter na bocca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem
Não me envergonham: pois maior baixeza
Não ha que a terra pelo céo trocar;

E mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre e, na maior pureza,
Ficar na terra e humanamente amar.



XXXI

Longe de ti, se escuto, porventura,
Teu nome, que uma bocca indifferente
Entre outros nomes de mulher murmura,
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquelle, que, misero, a tortura
Soffre de amargo exilio, tristemente,
A linguagem natal, maviosa e pura,
Ouve fallada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome
De uma patria distante e idolatrada,
Cuja saudade ardente me consome :

E ouvil-o é ver a eterna primavera
E a eterna luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu amor me espera.



XXXII

(A UM POETA)

Leio-te: — o pranto dos meus olhos rola — :

— Do seu cabelo o delicado cheiro,

De sua voz o timbre prasenteiro,

Tudo do livro sinto que se evola...

Todo o nosso romance: — a doce esmola

Do seu primeiro olhar, o seu primeiro

Sorriso, — n'este poema verdadeiro

Tudo ao meu triste olhar se desenrola.

Sinto animar-se todo o meu passado :
E quanto mais as paginas folheio,
Mais vejo em tudo aquelle vulto amado.

Ouçõ junto de mim bater-lhe o seio,
E cuido vel-a, placida, a meu lado,
Lendo commigo a pagina que leio.



XXXIII

Como quizesse livre ser, deixando
As paragens nataes, espaço em fóra,
A ave, ao bafejo tepido da aurora,
Abriu as azas e partiu cantando.

Estranhos climas, longes céos, cortando
Nuvens e nuvens, percorreu: e, agora
Que morre o sol, suspende o vôo, e chora,
E chora, a vida antiga recordando...

E logo, o olhar volvendo compungido,
Atraz torna, saudosa do carinho,
Do calor da primeira habitação.

Assim por largo tempo andei perdido :
— Ah! que alegria ver de novo o ninho,
Ver-te, e beijar-te a pequenina mão!



XXXIV

Quando adivinha que vou vê-la, e á escada
Ouve-me a voz e o meu andar conhece,
Fica pallida, assusta-se, estremece,
E não sei porque foge envergonhada.

Volta depois. Á porta, alvoroçada,
Sorrindo, em fogo as faces, apparece :
E talvez entendendo a muda prece
De meus olhos, adianta-se apressada.

Corre, delira, multiplica os passos;
E o chão, sob os seus passos murmurando,
Segue-a de um hymno, de um rumor de festa...

E — ah! que desejo de a tomar nos braços,
O movimento rapido sustando
Das duas azas que a paixão lhe empresta!



XXXV

Pouco me péza que mofeis sorrindo
D'estes versos purissimos e santos:
Porque, n'isto de amor e intimos prantos,
Dos louvores do publico prescindo.

Homens de bronzel um haverá, de tantos,
(Talvez um só!) que, esta paixão sentindo,
Aqui demore o olhar, vendo e medindo
O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,
Esse dirá: «—Pode viver tranquillo
Quem assim ama, sendo assim amado!—»

E, tremulo, de lagrymas coberto,
Ha-de estimar quem lhe contou aquillo
Que nunca ouviu com tanto ardor contado.



SARCAS DE FOGO

*

I

O JULGAMENTO DE PHRYNEA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Mnezarete — a divina e pallida Phrynéa —
Comparece ante a austera e rigida assembléa
Do Areópago supremo. A Grecia inteira admira
Aquella formosura original, que inspira
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,
De Hyperides á voz e á palheta de Apelles.

Quando os vinhos, na orgia, os convivas exaltam,
E das roupas, emfim, livres os corpos saltam,
Nenhuma hetére sabe a primorosa taça,
Transbordante de Cós, erguer com maior graça,
Nem mostrar, a sorrir, com mais gentil meneio,
Mais formoso quadril, nem mais nevado seio.

Estremeçem no altar, ao contemplal-a, os deuses,
Nua, entre aclamações, nos festivaes de Eleusis...
Basta um rapido olhar provocante e lascivo:
Quem na frente o sentiu curva a frente, captivo...
Nada eguala o poder de suas mãos pequenas:
Basta um gesto; e a seus pés roja-se humilde Athenas...

Vae ser julgada. Um véo, tornando inda mais bella
Sua occulta nudez, mal os encantos véla,
Mal a nudez occulta e sensual disfarça.
Cáe-lhe, espaduas abaixo, a cabelleira esparsa...
Queda-se a multidão. Ergue-se Euthias.. Falla,
E incita o tribunal severo a condemnal-a:

«—Eleusis profanou! É falsa e dissoluta,
Leva ao lar a sizania e as familias enluta!
Dos deuses zomba! É impia! é má! «—(E o pranto ardente

Corre nas faces d'ella, em fios, lentamente...)
«—Por onde os passos move a corrupção se espraia
E estende-se a discordia! Heliostes! condemnai-a! —»

Vacilla o tribunal, ouvindo a voz que o dôma...
Mas, de prompto, entre a turba Hyperides assoma,
Defende-lhe a innocencia, exclama, exora, pede,
Supplíca, ordena, exige... O Areópago não cede.
«—Pois condemnai-a agora! —» E á ré, que treme, a branca
Tunica despedaça, e o véo, que a encobre, arranca...

Pasmam subitamente os juizés deslumbrados,
—Leões pelo calmo olhar de um domador curvados:
Nua e branca, de pé, patente á luz do dia
Todo o corpo ideal, Phrynéa apparecia
Diante da multidão attonita e surpresa,
No triumpho immortal da Carne e da Belleza.



II

MARINHA

Sobre as ondas oscilla o batel docemente...
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.
Na agua mansa do mar passam tremulamente
Aureos traços de luz, brilhando esparsos n'ella.

Lá desponta o luar. Tu, palpitante e bella,
Canta! Chega-te a mim! Dá-me essa bocca ardente!
Sobre as ondas oscilla o batel docemente...
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.

Vagas azues, parae! Curvo céo transparente,
Nuvens de prata, ouvi!—Ouça na altura a estrella,
Ouça de baixo o oceano, ouça o luar albente :
Ella canta!—e, embalado ao som do canto d'ella,
Sobre as ondas oscilla o batel docemente.



III

SOBRE AS BODAS DE UM SEXAGENARIO

(A ALBERTO SILVA)

Amas. Um novo sol apontou no horizonte,
E offuscou-te a pupilla e illuminou-te a fronte...

Livido, o olhar sem luz, rôto o manto, cahida
Sobre o peito, a tremer, a barba encanecida,
Descias, cambaleando, a encosta pedregosa
Da velhice. Que mão te offereceu, piedosa,
Um piedoso bordão para amparar teus passos?
Quem te estendeu a vida, estendendo-te os braços?

Ias desamparado, em sangue os pés, sosinho...
E era horrendo o arredor, torvo o espaço, o caminho
Sinistro, accidentado... Uivava perto o vento
E rodavam bulhões no turvo firmamento.
Entrado de terror, a cada passo o rosto
Voltavas, perscrutando o caminho transposto,
E volvias o olhar : e o olhar allucinado
Via de um lado a treva, a treva de outro lado,
E assombrosas visões, vultos extraordinarios,
Desdobrando a correr os tremulos sudarios.
E ouvias o rumor de uma enxada, cavando
Longe a terra... E paraste exanime.

Foi quando

Pareceu-te escutar pelo caminho escuro,
De instante a instante, um passo mal seguro
Como o teu. E attentando, entre alegria e espanto,
Viste que vinha alguém compartindo o teu pranto,
Trilhando a mesma estrada horrivel que trilhavas,
E ensanguentando os pés onde os ensanguentavas.

E sorriste. No céu fulgurava uma estrella.
E sentiste fallar subitamente, ao vél-a,
Teu velho coração dentro do peito, como

Desperto muita vez no derradeiro assomo
Da bravura, — sem voz, decrepito, impotente,
Tropego, sem vigor, sem vista, — de repente
Riça a juba, e, abalando a solidão nocturna,
Urta um velho leão n'uma apartada furna.



IV

ABYSSUS

(A BERNARDO DE OLIVEIRA)

Bella e traidora! Beijas e assassinas...
Quem te vê não tem forças que te opponha:
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,
E, quando acorda, acorda feito em ruínas...

Seduzes, e convidas, e fascinas,
Como o abysmo que, perfido, a medonha
Fauce apresenta flórida e risonha,
Tapetada da rosas e boninas.

O viajôr, vendo as flôres, fatigado
Foge ao sol, e, deixando a estrada poenta,
Avança incauto... Subito, esbroado,

Falta-lhe o solo aos pés: Recúa e corre,
Vacilla e grita, lucha e se ensanguenta,
E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...



V

PANTUM

Quando passaste, ao declinar do dia,
Soava na altura indefinido arpejo:
Pallido, o sol do céu se despedia,
Enviando á terra o derradeiro beijo.

Soava na altura indefinido arpejo...
Cantava perto um passaro, em segredo;
E, enviando á terra o derradeiro beijo,
Esbatia-se a luz pelo arvoredos.

Cantava perto um passaro em segredo;
Cortavam fitas de ouro o firmamento...
Esbatia-se a luz pelo arvoredado:
Cahira a tarde; socegára o vento.

Cortavam fitas de ouro o firmamento...
Quedava immoto o coqueiral tranquillo...
Cahira a tarde. Socegára o vento.
Que magua derramada em tudo aquillo!

Quedava immoto o coqueiral tranquillo...
Pisando a areia, que a teus pés fallava,
(Que magua derramada em tudo aquillo!)
Vi lá em baixo o teu vulto que passava.

Pisando a areia, que a teus pés fallava,
Entre as ramadas flóridas seguiste.
Vi lá em baixo o teu vulto que passava...
Tão distrahida! — nem sequer me viste!

Entre as ramadas flóridas seguiste,
E eu tinha a vista de teu vulto cheia.
Tão distrahida! — nem sequer me viste!
E eu contava os teus passos sobre a areia.

Eu tinha a vista de teu vulto cheia.
E, quando te sumiste ao fim da estrada,
Eu contava os teus passos sobre a areia:
Vinha a noite a descer, muda e pausada...

E, quando te sumiste ao fim da estrada,
Olhou-me do alto uma pequena estrella.
Vinha a noite a descer, muda e pausada,
E outras estrellas se accendiam n'ella.

Olhou-me do alto uma pequena estrella,
Abrindo as aureas palpebras luzentes:
E outras estrellas se accendiam n'ella,
Como pequenas lampadas trementes.

Abrindo as aureas palpebras luzentes,
Clarearam a extensão dos largos campos;
Como pequenas lampadas trementes
Phosphoreavam na relva os pyrilampos.

Clarearam a extensão dos largos campos.
Vinha, entre nuvens, o luar nascendo...
Phosphoreavam na relva os pyrilampos...
E eu inda estava a tua imagem vendo.

*

Vinha, entre nuvens, o luar nascendo :
A terra toda em derredor dormia...
E eu inda estava a tua imagem vendo,
Quando passaste ao declinar do dia !



VI

NA THEBAIDA

Chegas, com os olhos humidos, tremente
A voz, os seios nús, — como a rainha
Que ao ermò frio da Thebaida vinha
Trazer a tentação do amor ardente.

Lucto: porém teu corpo se avisinha
Do meu, e o enlaça como uma serpente...
Fujo: porém a bocca prendes, quente,
Cheia de beijos, palpitante, á minha...

Beija mais, que o teu beijo me incendeia!
Aperta os braços mais! que eu tenha a morte
Preso nos laços de prisão tão doce!

Aperta os braços mais! — fragil cadeia
Que tanta força tem não sendo forte,
E prende mais que se de ferro fosse!



VII

É n'estas noites socegadas
Em que o luar aponta, e a fina
Mobil e tremula cortina
Rompe das nuvens espalhadas;

Em que no azul espaço, vago,
Scindindo o céo, o alado bando
Vae das estrellas caminhando
— Aves de prata á flor de um lago —;

É n'estas noites — que, perdida,
Louca de amor, minh'alma voa
Para teu lado, e te abençoa,
Ó minha aurora! ó minha vida!

No horrendo pantano profundo
Em que vivemos, és o cysne
Que o cruza, sem que a alvura tisne
Da aza no limo infecto e immundo.

Anjo exilado das risonhas
Regiões sagradas das alturas,
Que passas puro entre as impuras
Humanas coleras medonhas!

Estrella de ouro calma e bella,
Que, abrindo a lucida pupilla,
Brilhas assim clara e tranquilla
Nas torvas nuvens da procella!

Raio de sol dourando a esphera
Entre as neblinas d'este hynverno,
E nas regiões do gelo eterno
Fazendo rir a primavera!

Lyrio de petalas formosas
Erguendo á luz o niveo seio,
Entre estes cardos, e no meio
D'estas euphorbias venenosas!

Oasis verde no deserto!
Passaro voando descuidado
Por sobre um solo ensanguentado
E de cadaveres coberto!

Eu que homem sou, eu que a miseria
Dos homens tenho, — eu, verme obscuro,
Amei-te, flôr! e, lodo impuro,
Tentei roubar-te a luz siderea.

Vaidade insana! Amar ao dia
A treva horrenda que negreja!
Pedir a serpe, que rasteja,
Amor á nuvem fugidia!

Insano amor! vaidade insana!
Unir n'um beijo o aroma á peste!
Vasar, n'um jorro, a luz celeste
Na escuridão da noite humana!

Mas, ah! quizeste a ponta da aza,
Da pluma tremula de neve
Descer a mim, roçar de leve
A superfície d'esta vasa.

E tanto poudes essa piedade,
E tanto poudes o amor, que o lodo
Agora é céu, é flôres todo,
E a noite escura é claridade!



VIII

N'UMA CONCHA

Pudesse eu ser a concha nacarada
Que, entre os coraes e as algas, a infinita
 Mansão do oceano habita,
 E dorme reclinada
No fôfo leito das arêas de ouro...
Fosse eu a concha e, ó perola marinha!
Tu fosses o meu unico thesouro,
 Minha, sómente minha!

Ah! com que amor, no ondeante
Regaço da agua transparente e clara,
Com que voluptia, filha, com que anseio
Eu as valvas de nacar apertára,
Para guardar-te toda palpitante
No fundo do meu seio!



IX

SUPPLICA

Fallava o sol: Dizia:

«—Acorda! Que alegria

Pelos ridentes céos se espalha agora!

Foge a neblina fria...

Pede-te a luz do dia,

Pedem-te as chammas e o sorrir da aurora! —»

Dizia o rio, cheio

De amor, abrindo o seio:

«—Quero abraçar-te as formas primorosas!

Vem tu, que embalde veio
O sol : sómente aneio
Por teu corpo, formosa entre as formosas!

Quero-te inteiramente
Nua ! quero, tremente,
Cingir de beijos tuas roseas pomas.
Cobrir teu corpo ardente,
E na agua transparente
Guardar teus vivos, sensuaes aromas! —»

E proseguia o vento:
«—Escuta o meu lamento!
Vem! não quero a folhagem perfumada;
Com a flor não me contento!
Mais alto é o meu intento:
Quero embalar-te a coma desnastrada! —»

.....

Tudo a exigia... Emtanto,
Alguem, occulto a um canto
Do jardim, a chorar, dizia : «— Ó bella!
Já te não peço tanto:
Seccára-se o meu pranto
Se visse a tua sombra na janella! — »

X

CANÇÃO

Dá-me as petalas de rosa
D'essa bocca pequenina:
Vem com teu riso, formosa!
Vem com teu beijo, divina!

Transforma n'um paraiso
O inferno do meu desejo...
Formosa, vem com teu riso!
Divina, vem com teu beijo!

Oh ! tu, que tornas radiosa
Minh'alma, em que a dôr domina,
Só com teu riso, formosa,
Só com teu beijo, divina !

Tenho frio e não diviso
Luz na treva em que me vejo :
Dá-me o clarão do teu riso !
Dá-me o fogo do teu beijo !



XI

RIO ABAIXO

Treme o rio a rolar, de vaga em vaga...
Quasi noite. Ao sabor do curso lento
Da agua, que as margens em redor alaga,
Seguimos. Curva os bambuaes o vento.

Vivo, ha pouco, de purpura, sangrento,—
Desmaia agora o Occaso. A noite apaga
A derradeira luz do firmamento...
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silencio tristissimo por tudo
Se espalha. Mas a lua lentamente
Surge na fimbria do horisonte mudo:

E o seu reflexo pallido, embebido
Como um gladio de prata na corrente,
Rasga o seio do rio adormecido.



XII

SATANIA

(Fragmento)

A JULIO RIBEIRO

Nua, de pé, solto o cabello ás costas,
Sorri. Na alcova perfumada e quente,
Pela janella, como um rio enorme
De aureas ondas tranquillias e impalpaveis,
Profusamente a luz do meio dia
Entra e se espalha palpitante e viva.
Entra, parte-se em feixes rutilantes,
Aviva as cores das tapeçarias,
Doura os espelhos e os crystaes inflamma.

*

Depois, tremendo, como a arfar, deslisa
Pelo chão, desenrola-se, e, mais leve,
Como uma vaga preguiçosa e lenta,
Vem-lhe beijar a pequenina ponta
Do pequenino pé macio e branco.
Sobe... cinge-lhe a perna longamente,
Sobe... — e que volta sensual descreve
Para abranger todo o quadril! — prosegue,
Lambe-lhe o ventre, abraça-lhe a cintura,
Morde-lhe os bicos tumidos dos seios,
Corre-lhe a espadua, espia-lhe o reconcavo
Da axilla, accende-lhe o coral da bocca,
E antes de se ir perder na escura noite,
Na densa noite dos cabellos negros,
Pára confusa, a palpitar, diante
Da luz mais bella dos seus grandes olhos.

E aos mornos beijos, ás caricias ternas
Da luz, cerrando levemente os cilios,
Satania os labios humidos encurva,
E da bocca na purpura sangrenta
Abre um curto sorriso de voluptia...
Corre-lhe á flor da pelle um calafrio;
Todo o seu sangue, alvoroçado, o curso
Apressa; e os olhos, pela fenda estreita
Das abaixadas palpebras radiando,

Turvos, quebrados, languidos, contemplam,
Fitos no vacuo, uma visão querida...

Talvez ante elles, scintillando ao vivo
Fogo do Occaso, o mar se desenrole:
Tingem-se as aguas de um rubor de sangue,
Uma canôa passa... Ao largo oscillam
Mastros enormes, sacudindo as flammulas...
E, alva e sonora, a murmurar, a espuma
Pelas areias se insinúa, o limo
Dos grosseiros cascalhos prateando...

Talvez ante elles, rigidas e immoveis,
Vicem, abrindo os leques, as palmeiras:
Calma em tudo. Nem serpe sorrateira
Silva, nem ave inquieta agita as azas.
E a terra dorme n'um torpor, debaixo
De um céo de bronze que a comprime e abafa...

Talvez as noites tropicaes se estendam
Ante elles: infinito firmamento,
Milhões de estrellas sobre as crespas aguas
De torrentes caudaes, que, esbravejando,
Entre altas serras surdamente rolam...
Ou talvez, em paizes apartados,
Fitem seus olhos uma scena antiga:

Tarde de outono. Uma tristeza immensa
Por tudo. A um lado, á sombra delectosa
Das tamareiras, meio adormecido,
Fuma um arabe. A fonte rumoreja
Perto. Á cabeça o cantharo repleto,
Com as mãos morenas suspendendo a saia,
Uma mulher afasta-se, cantando...
E o arabe dorme n'uma densa nuvem
De fumo... E o canto perde-se á distancia...
E a noite chega, tepida e estrellada...

Certo, bem doce deve ser a scena
Que os seus olhos extaticos ao longe,
Turvos, quebrados, languidos, contemplam.
Ha pela alcova, emtanto, um murmurio
De vozes. A principio é um sopro escasso,
Um sussurrar baixinho... Augmenta logo :
É uma prece, um clamor, um coro immenso
De ardentes vozes, de convulsos gritos.
É a voz da Carne, é a voz da Mocidade,
—Canto vivo de força e de belleza,
Que sobe d'esse corpo illuminado...

Dizem os braços : « — Quando o instante doce
Ha-de chegar, em que, á pressão anciosa
D'estes laços de musculos sadios,
Um corpo amado vibrará de gozo ? — »

E os seios dizem : « — Que sedentos labios,
Que avidos labios sorverão o vinho
Rubro, que temos n'estas cheias taças ?
Para essa bocca que esperamos, pulsa
N'estas carnes o sangue, enche estas veias,
E enteza e apruma estes rosados bicos... — »

E a bocca : « — Eu tenho n'esta fina concha
Perolas niveas do mais alto preço,
E coraes, mais brilhantes e mais puros
Que a rubra selva que de um tyrio manto
Cobre o fundo dos mares da Abyssinia...
Ardo e suspiro ! Como o dia tarda
Em que meus labios possam ser beijados.
Mais que beijados : possam ser mordidos ! — »

.....
.....
.....
Mas, quando, emfim, das regiões descendo
Que, errante, em sonhos, percorreu, — Satania
Olha-se, e vê-se nua, e, estremecendo,

Veste-se, e aos olhos avidos do dia
Vela os encantos, essa voz declina
Lenta, abafada, tremula...

Um barulho

De linhos frescos de brilhantes sedas
Amarrotadas pelas mãos nervosas,
Enche a alcova, derrama-se nos ares...
E, sob as roupas que a suffocam, inda
Por largo tempo, a soluçar, se escuta
N'um longo choro a entrecortada queixa
Das deslumbrantes carnes escondidas...



XIII

QUARENTA ANNOS

Sim! Como um dia de verão, de acceza
Luz, de accezos e calidos fulgores,
Como os sorrisos da estação das flores,
Foi passando tambem tua belleza.

Hoje—das garras da descrença prêsa —
Perdes as illusões. Vão-se-te as cores
Da face. E entram-te n'alma os dissabores,
Nublam-te o olhar as sombras da tristeza.

Expira a primavera. O sol fulgura
Com o brilho extremo... E ahí vêm as noites frias,
Ahi vem o hynverno da velhice escura...

Ah! pudesse eu fazer—novo Ezequias—
Que o sol poente d'essa formosura
Volvesse á aurora dos primeiros dias!



XIV

VESTIGIOS

Foram-te os annos consumindo aquella
Belleza outr'ora viva e hoje perdida...
Porém teu rosto da passada vida
Inda uns vestigios tremulos revela.

Assim, dos rudes furacões batida,
Velha, exposta aos furores da procella,
Uma arvore de pé, serena e bella,
Inda se ostenta na floresta erguida.

Raivoso o raio a lasca, e a estala, e a fende...
Racha-lhe o tronco annoso... Mas em cima
Verde folhagem triumphal se estende.

Mal segura no chão, vacilla... Embora!
Inda os ninhos conserva, e se reanima
Ao chilrear dos passaros de outr'ora.



XV

UM TRECHO DE GAUTHIER

(M. LLE DE MAUPIN)

É porque eu sou assim que o mundo me repelle,
E é por isso também que eu nada quero d'elle :
Minh' alma é uma região ridente e esplendorosa
Na apparencia : porém putrida e pantanosa,
Cheia de emanações mephiticas, repleta
De immundos vibrões, como a região infecta
Da Batavia, de um ar pestifero e nocivo.

Olha a vegetação : Tulipas de ouro vivo,
Fulvos nagassarís de ampla corôa, flores
De angsoka, pompeando a opulencia das côres,
Viçam ; viçam rosaes de purpura, sorrindo
Sob o limpido azul de um céo sereno e infindo...
Mas a florea cortina entreabre, e vê : — No fundo,
Sobre os tropegos pés, movendo o corpo immundo,
Vae de rastos um sapo hydropico e nojento...

Olha esta fonte agora : O claro firmamento
Traz no puro crystal, puro como um diamante.
Viájôr ! de longe vens, ardendo em sede ? Adiante !
Segue ! Fôra melhor, ao cabo da jornada,
De um pantano beber a agua que, estagnada
Entré os podres juncaes, em meio da floresta.
Dorme... Fôra melhor beber d'ess' agua ! N'esta
Se acaso a incauta mão mergulha um dia a gente,
Ao sentir-lhe a frescura, ao mesmo tempo sente
As picadas mortaes das peçonhentas cobras,
Que collêam, torcendo e destorcendo as dobras
Da escama, e da atra bocca expellindo o veneno...

Segue ! porque é maldito e ingrato este terreno :
Quando, cheio de fé na colheita futura,
Antegosando o bem da proxima fartura,
Na terra, que fecunda e boa te parece,

Semearas trigo,— em vez da ambicionada messe,
Em vez da espiga de ouro, a scintillar,— apenas
Colherás o meimendro e as cabelludas pennas
Que, como serpes, brande a mandragora bruta,
Entre vegetações de asphódelo e cicuta.

Ninguem logrou jámais atravessar em vida
A floresta sem fim, negra e desconhecida,
Que eu tenho dentro d'alma. É uma floresta enorme,
Onde — virgem intacta — a natureza dorme
Como nos mattagaes da America e de Java :
Cresce, crespa e cerrada, a laçaria brava
Dos fléxiles cipós, curvos e resistentes;
As arvores atando em voltas de serpentes ;
Lá dentro, na espessura, entre o esplendor selvagem
Da flora tropical, nos arcos de folhagem
Balançam-se animaes phantasticos, suspensos :
Morcegos de uma forma extraordinaria, e immensós
Escaravelhos que o ar pesado e morno agitam ;
Monstros de horrendo aspecto estas furnas habitam.
—Elephantes brutaes, brutaes rhinocerontes,
Esfregando ao passar contra os rugosos montes
A rugosa couraça e espedaçando os troncos
Das arvores, lá vão ; e hippopotamos broncos
De tumido focinho e orelhas eriçadas,
Batem pausadamente as patas compassadas.

Na clareira, onde o sol penetra ao meio dia
O auriverde docel das ramagens, e enfia
Como uma cunha de ouro, um raio luminoso,
E onde um calmo retiro achar contraste ancioso,
— Transido de pavor encontrarás — piscando
Os olhos verdes, e o ar, soffrego, respirando,
Um tigre a dormir, com a lingua rubra, o pello
De velludo lustrando, ou, em calma, um novello
De *bôas*, digerindo o touro devorado...

Tem receio de tudo! O céu puro e azulado,
A herva, o fructo maduro, o sol, o ambiente **mudo**,
Tudo aqui é mortal... Tem receio de tudo!

.....
.....
E é porque eu sou assim que o mundo me repelle,
E é por isso tambem que eu nada quero d'elle!



XVI

NO LIMINAR DA MORTE

Grande lascivo! espera-te a voluptuosidade
do nada.

(*Machado de Assis, BRAZ CUBAS.*)

Engelhadas as faces, os cabelos
Brancos, ferido, chegas da jornada.
Revês da infancia os dias; e, ao revel-os,
Que fundas maguas n'alma lacerada!

Páras. Palpas a travea em torno. Os gelos
Da velhice te cercam. Vês a estrada
Negra, cheia de sombras, povoada
De otros espectros e de pesadelos...

Tu, que amaste e soffreste, agora os passos
Para meu lado moves. Alma em prantos,
Deixas os odios do mundano inferno...

Vem! que emfim gozarás entre meus braços
Toda a volupia, todos os encantos,
Toda a delicia do repouso eterno!



XVII

PARAPHRASE DE BAUDELAIRE

(A THEOPHILO DIAS)

Assim! Quero sentir sobre a minha cabeça
O peso d'essa noite embalsamada e espessa...
Que suave calor, que voluptia divina
As carnes me penetra e os nervos me domina!
Ah! deixa-me aspirar indefinidamente
Este aroma subtil, este perfume ardente!
Deixa-me adormecer envolto em teus cabellos!...

*

Quero sentil-os, quero aspiral-os, sorvel-os,
E n'elles mergulhar loucamente o meu rosto,
Como quem vem de longe, e, ás horas do sol posto,
Acha a um canto da estrada uma nascente pura,
Onde mitiga ancioso a sêde que o tortura...
Quero tel-os nas mãos, e agital-os, cantando,
Como a um lenço, pelo ar saudades espalhando...
Ah! se pudesses vêr tudo o que n'elles vejo!
— Meu desvairado amor! meu insano desejo!...

Teus cabellos contêm uma visão completa:
— Largas aguas, movendo a superficie inquieta,
Cheia de um turbilhão de velas e de mastros,
Sob o claro docel palpitante dos astros.
Cava-se o mar, rugindo, ao peso dos navios
De todas as nações e todos os feitos,
Desenrolando no alto as flammulas ao vento,
E recortando o azul do limpo firmamento,
Sob o qual ha uma eterna, uma infinita calma.

E prevê meu olhar e presente minh'alma
Longe,— onde, mais profundo e mais azul, se arqueira
O céo, onde ha mais luz e onde a atmosphaera, cheia
De aromas, ao repouso e ao divagar convida,—

Um paiz encantado, uma região querida,
Fresca, sorrindo ao sol, entre fructos e flores:
— Terra santa da luz, do sonho e dos amores;
Terra que nunca vi, terra que não existe,
Mas da qual, entretanto, eu, desterrado e triste,
Sinto no coração, ralado de anciedade,
Uma saudade eterna, uma fatal saudade!
Minha patria ideal! Em vão estendo os braços
Para teu lado! Em vão para teu lado os passos
Movo! Em vão! Nunca mais em teu seio adorado
Poderei repousar meu corpo fatigado...
Nunca mais! nunca mais!...

Sobre a minha cabeça,
Querida! abre essa noite embalsamada e espessa!
Desdobra sobre mim os teus negros cabellos!
Quero, sofrego e louco, aspiral-os, mordel-os,
E, bebido de amor, o seu peso sentindo,
N'elles dormir envolto e ser feliz dormindo...
Ah! se pudesses vêr tudo, o que n'elles vejo!

Meu desvairado amor! Meu insano desejo!

XVIII

RIOS E PANTANOS

Muita vez houve céu dentro de um peito :
Céu coberto de estrellas resplendentes,
Sobre rios alvissimos, de leito
De fina prata e margens florescentes...

Um dia veio, em que a descrença o aspeito
Mudou de tudo: em turbidas enchentes,
A agua um manto de lodo e trevas feito
Estendeu pelas veigas rescendentes.

E a alma que os anjos de aza sôlta, os sonhos
E as illusões cruzaram revoando,
—Depois, na superficie horrenda e fria

Só apresenta pantanos medonhos,
Onde, os longos sudarios arrastando,
Passa da peste a legião sombria...



XIX

DE VOLTA DO BAILE

(A ARTHUR AZEVEDO)

Chega do baile. Descansa.
Move a eburnea ventarola.
Que aroma de sua trança
Voluptuoso se evóla!

Ao vel-a, a alcova deserta
E muda até então, em roda,
Sentindo-a, treme, desperta
E é festa e delirio toda.

Despe-se. O manto primeiro
Retira, as luvas agora,
Agora as joias — chuveiro
De pedras da cor da aurora.

E pelas perolas, pelos
Rubins de fogo e diamantes,
Faiscando nos seus cabellos
Como estrellas coruscantes,

Pelos collares em dobras
Enrolados,—pelos finos
Braceletes, como cobras
Mordendo os braços divinos,

Pela grinalda de flores,
Pelas sedas que se agitam
Murmurando e as varias cores
Vivas do arco-iris imitam,

—Por tudo — as mãos inquietas
Movem-se rapidamente
Como um par de borboletas
Sobre um jardim florescente.

Voando em torno, infinitas,
Precipitadas, vão soltas
Revoltas nuvens de fitas,
Nuvens de rendas revoltas.

E, de entre as rendas e o arminho,
Saltam seus seios rosados,
Como de dentro de um ninho
Dois passaros assustados.

E da lampada suspensa
Treme o clarão ; e ha por tudo
Uma agitação immensa,
Um extase immenso e mudo.

E como que por encanto,
N'um longo rumor de beijos,
Ha vozes em cada canto
E em cada canto desejos...

Mais um gesto... E, vagarosa,
Dos hombros solta, a camisa
Pelo seu corpo — amorosa
E sensualmente deslisa.

E o tronco altivo e direito,
O braço, a curva macia
Da espadua, o talhe do peito
Que de tão branco irradia;

O ventre que, como a neve,
Firme e alvissimo se arquêa
E apenas em baixo um leve
Buço dourado sombrêa;

A côxa firme que desce
Curvamente, a perna, o artelho:
Todo o seu corpo apparece
Subitamente no espelho...

Mas logo um deslumbramento
Se espalha na alcova inteira:
Com um rapido movimento
Destouca-se a cabelleira.

Que riquissimo thesouro
N'aquelles fios dardeja!
É como uma nuvem de ouro
Que a envolve, e, em zelos, a beija.

Toda, contorno a contorno,
Da frente aos pés cerca-a; e em ondas
Fulvas derrama-se em torno
De suas formas redondas:

E depois de apaixonada
Beijal-a linha por linha,
Cáe-lhe ás costas desdobrada
Como um manto de rainha.



XX

SAHARA VITÆ

Lá vão elles, lá vão! O céo se arqueia
Como um tecto de bronze infindo e quente
E o sol fuzila e, fuzilando, ardente
Criva de flechas de aço o mar de areia.

Lá vão, com os olhos onde a sede ateaia
Um fogo estranho, procurando em frente
Esse oasis do amor que, claramente,
Além, bello e fallaz, se delineaia.

Mas o simun da morte sopra: a tromba
Convulsa envolve-os, prostra-os; e aplacada
Sobre si mesma roda e exhausta tomba...

E o sol de novo no igneo céo fuzila...
E sobre a geração exterminada
A areia dorme placida e tranquilla.



XXI

BEIJO ETERNO

Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo!
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

Fóra, repouse em paz
Dormida em calmo somno a calma Natureza,
Ou se debata, das tormentas prêsa, —
Beija inda mais!
E, enquanto o brando calor
Sinto em meu seio de teu seio,
Nossas boccas febris se unam com o mesmo aneio,
Com o mesmo ardente amor!

De arrebol a arrebol,
Vão-se os dias sem conto! e as noites, como os dias,
Sem conto vão-se, callidas ou frias!
Rutile o sol
Esplendido e abrazador!
No alto as estrellas coruscantes,
Tauxiando os largos céos, brilhem como diamantes!
Brilhe aqui dentro o amor!

Succeda a treva á luz!
Vele a noite de crepe a curva do horizonte;
Em véos de opala a madrugada aponte
Nos céos azues,
E Venus, como uma flor,
Brilhe, a sorrir, do Occaso á porta;
Brilhe á porta do Oriente! A treva e a luz — que importa?
Só nos importa o amor!

Raive o sol no verão!
Venha o Outono! do Hynverno os frigidos vapores
Toldem o céo! das aves e das flores
Venha a estação!
Que nos importa o esplendor
Da primavera, e o firmamento
Limpo, e o sol scintillante, e a neve, e a chuva, e o vento?
—Beijemo-nos, amor!

Beijemo-nos! que o mar
Nossos beijos ouvindo, em pasmo a voz levante!
E cante o sol! a ave desperte e cante!
Cante o luar,
Cheio de um novo fulgor!
Cante a amplidão! cante a floresta!
E a Natureza toda, em delirante festa!
Cante, cante este amor!

Rasgue-se, á noite, o véo
Das neblinas, e o vento inquirá o monte e o valle:
«—Quem canta assim?—» E uma aurea estrella falle
Do alto do céo
Ao mar, prêsa de pavor:
«—Que agitação enorme é aquella?—»
E o mar adoce a voz, e á curiosa estrella
Responda que é o amor.

*

E a ave, ao sol da manhã,
Tambem, a aza vibrando, á estrella que palpita
Responda, ao vel-a desmaiada e afflicta:
«— Que beijo, irmã!
«Pudesses ver com que ardor
«Elles se beijam loucamente! —»
E inveje-nos a estrella... e apague o olhar dormente,
Morta, morta de amor!...

Diz tua bocca: «— Vem! —»
«—Inda mais! —» diz a minha, a soluçar... Exclama
Todo o meu corpo que o teu corpo chama:
«—Morde tambem! —»
Ail morde! que doce é a dor
Que me entra as carnes, e as tortura!
Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura,
Morto por teu amor!

Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

XXII

POMBA E CHACAL

Ó Natureza! ó mãe piedosa e pura!
Ó cruel, implacavel assassina!
—Mão, que o veneno e o balsamo propina,
E aos sorrisos as lagrymas mistura!

Pois o berço, onde a bocca pequenina
Abre o infante a sorrir, é a miniatura,
A vaga imagem de uma Sepultura,
O germen vivo de uma atroz ruina?!

Sempre o contraste! Passaros cantando
Sobre tumulos... flores sobre a face
De ascosas aguas putridas boiando...

Anda a tristeza ao lado da alegria...
E esse teu seio, d'onde a noite nasce,
É o mesmo seio d'onde nasce o dia!



XXIII

MEDALHA ANTIGA

(L. DE LISLE)

Este, sim! viverá por seculos e seculos,
Vencendo o olvido. Soube a sua mão deixar,
Ondeando no negror do onyx polido e rutilo,
A alva espuma do mar.

Com o sol, bella e radiosa, o olhar surprezo e extatico,
Vê-se Kypre, á feição de uma joven princeza,
Mollemente emergir á flôr da face tremula
Da liquida turqueza.

Núa a deusa, nadando, a onda dos seios tumidos
Leva diante de si, amorosa e sensual:
E a onda mansa do mar borda de argenteos floculos
Seu pescoço immortal. -

Livre das fitas, solto em quedas de ouro, espalha-se
Gottejante o cabelo: e seu corpo encantado
Brilha nas aguas, como, entre violetas humidas,
Um lyrio immaculado.

E nada, e folga, enquanto, as barbatanas asperas
E as fulvas caudas no ar batendo, e em derredor
Turvando o Oceano, em grupo os delphias atropellam-se
Para a fitar melhor.



XXIV

NO CARCERE

Porque hei-de, em tudo quanto vejo, vê-la?
Porque hei-de eterna assim reproduzida
Vê-la na agua do mar, na luz da estrella,
Na nuvem de ouro e na palmeira erguida?

Fosse possível ser a imagem d'ella
Depois de tantas maguas esquecida!...
Pois acaso será, para esquecel-a,
Mister e força que me dêixe a vida?

Negra lembrança do passado! lento
Martyrio, lento e atroz! Porque não ha-de
Ser dado á magua o esquecimento?

Porque? Quem me encadeia sem piedade
No carcere sem luz d'este tormento,
Com os pesados grilhões d'esta saudade?



XXV

OLHANDO A CORRENTE

Põe-te á margem! Contempla-a, lentamente,
Crespa, turva, a rolar. Em vão indagas
A que paragens, a que longes plagas
Desce, ullulando, a lugubre torrente...

Vem de longe, de longe... Ouve-lhe as pragas!
Que infrene grita, que bramir frequente,
Que côro de blasphemias surdamente
Rolam na queda d'essas negras vagas!

Choras? Tremes? É tarde... Esses violentos
Gritos escuta! Em lagrymas, tristonhos,
Fechas os olhos?... Olha ainda o horror

D'aquellas aguas! Vê! Teus juramentos
Lá vão! lá vão levados os meus sonhos,
Lá vae levado todo o nosso amor!



XXVI

Tenho frio e ardo em febre!

O amor me acalma e endouda! o amor me eleva e abate
Quem ha que os laços, que me prendem, quebre?
Que singular, que desigual combate!

Não sei que hervada frécha

Mão certa e fallaz me cravou com tal geito,
Que, sem que eu a sentisse, a estreita brécha
Abriu, por onde o amor entrou meu peito.

O amor me entrou tão cauto
O incauto coração, que eu nem cuidei que estava
Ao recebê-lo, recebendo o arauto
D'esta loucura desvairada e brava.

Entrou. E, apenas dentro,
Deu-me a calma do céu e a agitação do inferno...
E hoje... ai! de mim, que dentro em mim concentro
Dores e gostos n'um lutar eterno!

O amor Senhora, vêde:
Prendeu-me. Em vão me estorço, e me debato, e grito;
Em vão me agito na apertada rede...
Mais me embaraço quanto mais me agito!

Falta-me o senso: A esmo,
Como um cego, a tactear, busco nem sei que porto.
E ando tão diferente de mim mesmo,
Que nem sei se estou vivo ou se estou morto.

Sei que entre as nuvens paira
Minha fronte, e meus pés andam pisando a terra;
Sei que tudo me alegra e me desvaira,
E a paz desfructo, supportando a guerra.

E assim peno e assim vivo :
Que diverso querer ! que diversa vontade !
Se estou livre, desejo estar captivo ;
Se captivo, desejo a liberdade !

E assim viyo, e assim peno :
Tenho a bocca a sorrir e os olhos cheios de agua !
E acho o nectar n'um calix de veneno,
A chorar de prazer e a rir de magua.

Infinda magua ! infindo
Prazer ! pranto gostoso e sorrisos convulsos !
Ah ! como dóe assim viver, sentindo
Azas nos hombros e grilhões nos pulsos !



XXVII

NEL MEZZO DEL CAMIN...

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E parámos de subito na estrada
Da vida: longos annos, prêsa á minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos humedece,
Nem te commove a dor da despedida.

E eu, solitario, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo..



XXVIII

SOLITUDO

Já que te é grato o soffrimento alheio,
Vae! Não fique em minh'alma nem um traço,
Nem um vestigio teu! Por todo o espaço
Se estenda o luto carregado e feio.

Turvem-se os largos céos... No leito escasso
Dos rios a agua seque... E eu tenha o seio
Como um deserto pavoroso, cheio
De horrores, sem signal de humano passo...

*

Vão-se as aves e as flôres junctamente
Comtigo... Torre o sol a verde alfombra,
A areia envolva a solidão inteira...

E só fique em meu peito o Sahara ardente,
Sem um oasis, sem a esquiva sombra
De uma isolada e tremula palmeira.



XXIX

A CANÇÃO DE ROMEU

(A RODRIGO OCTAVIO)

Abre a janella... acorda!
Que eu, só por te acordar,
Vou pulsando a guitarra, corda a corda,
Ao luar!

As estrellas surgiram
Todas: e o limpo véo,
Como lyrios alvissimos, cobriram
Do céo.

De todas a mais bella
Não veio inda porém:
Falta uma estrella... És tu! Abre a janella,
E vem!

A alva cortina anciosa
Do leito entre-abre; e, ao chão
Saltando, o ouvido presta á harmoniosa
Canção.

Solta os cabellos cheios
De aroma: e semi-nús,
Surjam formosos, tremulos, teus seios
A' luz.

Repousa o espaço mudo;
Nem uma aragem, vês?
Tudo é silencio, tudo calma, tudo
Mudez.

Abre a janella, acorda!
Que eu, só por te acordar,
Vou pulsando a guitarra corda a corda,
Ao luar!

Que puro céo! que pura
Noite! nem um rumor...
Só a guitarra em minhas mãos murmura:
Amor!...

Não foi o vento brando
Que ouviste soar aqui:
E' o choro da guitarra perguntando
Por ti.

Não foi a ave que ouviste
Chilrando no jardim:
E' a guitarra que geme e trilla triste,
Assim.

Vem, que esta voz secreta
E' o canto de Romeu:
Acordal quem te chama, Julieta,
Sou eu!

Porém... O' Cotovia,
Silencio! a aurora, em véos
De nevoa e rosas, não desdobre o dia
Nos céos...

Silencio! que ella acorda...
Já fulge o seu olhar...
Adormeça a guitarra, corda a corda,
Ao luar!



XXX

A TENTAÇÃO DE XENÓKRATES

(A MACHADO DE ASSIS)

I

Nada turbava aquella vida austera ·
Calmo, traçada a tunica severa,
Curva a frente, cruzando a passos lentos
As aléas de platanos, — dizia
Das faculdades da alma e da theoria
De Platão aos discipulos attentos.

Ora o viam perder-se, concentrado,
No labyrintho escuso de intricado
Controverso e sophistico problema,
Ora os pontos obscuros explicando
Do Timmeu, e seguro manejaudo
A lamina bigumea do dilemma.

Muitas vezes, nas mãos pousando a fronte,
Com o vago olhar perdido no horisonte,
Em pertinaz meditação ficava...
Assim, juncto ás sagradas oliveiras,
Era immoto seu corpo horas inteiras,
Mas longe d'elle o espirito pairava.

Longe, acima do humano fervedouro,
Sobre as nuvens radiantes,
Sobre a planicie das estrellas de ouro:
Na alta esphera, no paramo profundo
Onde não vão, errantes,
Bramir as vozes das paixões do mundo :

Ahi, na eterna calma,
Na eterna luz dos céos silenciosos,
Vôa, abrindo, sua alma,
As azas invisiveis,
E interrogando os vultos magestosos
Dos deuses impassiveis...

E a noite desce, afuma o firmamento...

Sôa sómente, a espaços,

O prolongado sussurrar do vento...

E expira ás luzes ultimas do dia,

Todo o rumor de passos

Pelos ermos jardins da Academia.

E, longe, luz mais pura

Que a extincta luz d'aquelle dia morto

Xenókrates procura :

—Immortal claridade

Que é protecção e amor, vida e conforto,

Porque é a luz do verdade!

II

Ora Laïs, a siciliana escrava

Que Apelles seduzira, amada e bella

Por esse tempo Athenas dominava...

Nem o frio Demosthenes ativo

Foge-lhe ao imperio : aos encantos d'ella

Curva-se o proprio Diogenes captivo.

Não é maior que a sua a encantadora
Graça das formas nitidas e puras
Da irresistivel Diana caçadora.

Ha nos seus olhos um poder divino;
Ha venenos e perfidas doçuras
Na fita de seu labio purpurino.

Tem nos seios — dois passaros que pulam
Ao contacto de um beijo, — nos pequenos
Pés, que as sandalias soffregas osculam,

Na côxa, no quadril, no torso airoso,
Todo o primor da callypigia Venus
— Estatua viva e esplendida do gozo.

Cahem-lhe aos pés as perolas e as flores,
As drachmas de ouro, as almas e os presentes,
Por uma noite de febris ardores.

Heliostes e Eupatridas sagrados,
Artistas e Oradores eloquentes
Leva ao carro de gloria acorrentados...

E os generaes indomitos, vencidos
Vendo-a, sentem por baixo das couraças
Os corações de subito feridos.

III

Certa noite, ao clamor da festa, em gala,
Ao som continuo das lavradas taças
Tinindo cheias na espaçosa sala,

Vozeava o Ceramico, replecto
De cortezans e flores. As mais bellas
Das hetéres de Samos e Mileto

Eram todas na orgia. Estas bebiam,
Nuas, á deusa Ceres. Longe, aquellas
Em animados grupos discutiam.

Pendentes no ar, em nuvens densas, varios
Quentes incensos indicos queimando,
Oscillavam de leve os incensarios.

Tibios flautins finissimos gritavam.
E, as curvas harpas de ouro acompanhando,
Crótalos claros de metal cantavam...

O espumeo Chypre as faces dos convivas
Accendia. Soavam desvairados
Febris accentos de canções lascivas.

Via-se a um lado a pallida Phrynéa,
Provocando os olhares deslumbrados
E os sensuaes desejos da assembléa.

Lais além fallava: e, de seus labios
Suspensos, a beber-lhe a voz maviosa,
Cercavam-n'a Philosophos e sabios.

N'isto, entre a turba, ouviu-se a zombeteira
Voz de Aristippe: « — És bella e podérosa,
Lais! mas, por que sejas a primeira,

A mais irresistivel das hetéres,
Cumpre domar Xenókrates! Es bella...
Poderás fascinal-o, se o quizeres!

Doma-o, e serás rainha! — » Ella sorria...
E apostou que, submisso e vil, n'aquella
Mesma noite a seus pés o prostraria.

Apostou e partiu...

IV

Na alcova muda e quieta,
Apenas se escutava
Leve, a areia, a cahir no vidro da ampulheta...
Xenókrates velava.

Mas que harmonia estranha,
Que sussurro lá fóra! Agita-se o arvoredado
Que o limpido luar serenamente banha:
Treme, falla em segredo...

As estrelas, que o céo cobrem de lado a lado,
A agua ondeante dos lagos
Fictam, n'ella espalhando o seu clarão dourado,
Em timidos affagos.

Sólta um passaro o canto.
Ha uma aroma de carne á beira dos caminhos...
E acordam ao luar, como que por encanto,
Estremecendo, os ninhos...

Que indistincto rumor! Vibram na voz do vento
Crebros, vivos arpejos.

E vae da terra e vem do curvo firmamento
Como um clamor de beijos.

Com as azas de ouro, em roda
Do céo, n'aquella noite humida e clara, vôa
Alguem que a tudo acorda e a natureza toda
De desejos povôa.

É a Volupia que passa e no ar deslisa: passa,
E os coraçõs inflamma...
Lá vae! E, sobre a terra, o Amor, da curva taça
Que traz ás mãos derrama.

E entretanto, deixando
A alva barba espalhar-se em rôlos sobre o leito,
Xenókrates medita, as magras mãos cruzando
Sobre o escarnado peito.

Scisma. E tão aturada é a scisma em que fluctua
Sua alma, e que a regiões ignotas o transporta,
— Que não sente Laïs, que surge semi-núa
Da muda alcova á porta.

V

É bella assim! Desprende a knemide. Revolta,
Ondeante a cabelleira, aos niveos hombros solta,
• Cobre-lhe os seios nús e a curva dos quadris,
N'um louco turbilhão de aureos fios subteis.
Que fogo em seu olhar! Vêl-o é a seus pés prostrada
A alma ver supplicante, em lagrymas banhada,
Em desejos accêsa! Olhar divino! Olhar
Que encadêa, e domina, e arrasta ao seu altar
Os que morrem por ella, e ao céo pedem mais vida,
Para tel-a por ella inda uma vez perdida!
Mas Xenókrates scisma...

É em vão que, a prumo, o sol
D'esse olhar abre a luz n'um radiante arrebol...
Em vão! Vem tarde o sol! Jaz extincta a cratera;
Não ha vida, nem ar, nem luz, nem primavera:
Gelo apenas! E, em gelo envolto, ergue o vulcão
Os flancos, entre a nevoa e a opaca cerração...

Scisma o sabio. Que importa aquelle corpo ardente
Que o envolve, e enlaça, e prende, e aperta loucamente?
Fosse cadaver frio o mudo ancião! talvez
Mais sentisse o calor d'aquella eburnea tez!...

Em vão Laïs o abraça, e o nacarado labio
Chega-lhe ao labio frio... Em vão! Medita o sabio,
E nem sente o calor d'esse corpo que o attrahe,
Nem o aroma febril que d'essa bocca sahe.

E ella: « — Vivo não és! Jurei domar um homem,
Mas de beijos não sei que a pedra fria domem! — »

Xenókrates então do leito levantou
O corpo, e o olhar no olhar da cortezã cravou:

« — Póde rugir a carne... Embora! D'ella acima
Paira o espirito ideal que a purifica e anima:
Cobrem nuvens o espaço, e acima do atro véo
Das nuvens brilha a estrella illuminando o céo! — »

Disse. E outra vez, deixando
A alva barba espalhar-se em rolos sobre o leito,
Quedou-se a meditar, as magras mãos cruzando
Sobre o escarnado peito.

FIM

INDICE

PANOPLIAS

Profissão de fé.....	7
A morte de Tapyr.....	15
A Gonçalves Dias.....	23
Guerreira	25
A um grande homem.....	27
A sésta de Nero.....	31
O incendio de Roma.....	33
O sonho de Marco-Antonio.....	35
Lendo a Illyada.....	41
Messalina.....	43
A ronda nocturna.....	45
Delenda Carthago!	47

VIA-LACTEA

Talvez sonhasse quando a vi. Mas via.....	61
Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura.....	63
Tantos esparsos vi profusamente.....	65
Como a floresta secular, sombria.....	67
Dizem todos: « — Outr'ora como as aves.....	69
Em mim tambem, que descuidado vistes.....	71
Não têm faltado bocças de serpentes.....	73
Em que céos mais azues, mais puros ares.....	75
De outras sei que se mostram menos frias.....	77
Deixa que o olhar do mundo emfim devasse....	79
Todos esses louvores — bem o viste —.....	81
Sonhei que me esperavas. E, sonhando.....	83
— Ora (dizeis) ouvir estrellas. Certo.....	85
Viver não pude sem que o fel provasse.....	87
Á ultima.....	89
Lá fóra, a voz do vento ullule rouca!.....	91
Por estas noites frias e brumosas.....	93
Dormes... Mas que sussurro a humedecida....	95
Sae a passeio, mal o dia nasce.....	97
Olha-me! O teu olhar sereno e brando.....	99
Sei que um dia não ha, (e isso é bastante.....	101
Quando te leio, as scenas animadas.....	103
Laura! Dizes que Fabio anda offendido.....	105
Vejo-a, contemplo-a commovido. Aquella.....	107

Tu que no pego impuro das orgias.....	109
Quando cantas, minh' alma, desprezando.....	111
Hontem — nescio que fui! — maliciosa.....	113
Pinta-me a curva d'estes céos... Agora.....	115
Por tanto tempo, desvairado e afflicto.....	117
Ao coração que soffre, separado.....	119
Longe de ti, se escuto, porventura.....	121
Leio-te: — o pranto dos meus olhos rola —	123
Como quizesse livre ser, deixando.....	125
Quando adivinha que vou vel-a, e á escada.....	127
Pouco me péza que mofeis sorrindo.....	129

SARÇAS DE FOGO

O julgamento de Phrynéa.....	133
Marinha.....	137
Sobre as bodas de um sexagenario.....	139
Abyssus.....	143
Pantum.....	145
Na Thebaida.....	149
E' n'estas noites socegadas.....	151
N'uma concha.....	155
Supplica.....	157
Canção.....	159
Rio abaixo.....	161

Satania	163
Quarenta annos	169
Vestigios.....	171
Um trecho de Gauthier.....	173
No liminar da morte.....	177
Paraphrase de Baudelaire.....	179
Rios e Pantanos	183
De volta do baile.....	185
Sahara vitæ.....	191
Beijo eterno.....	193
Pomba e Chacal.....	197
Medalha antiga.....	199
No carcere.....	201
Olhando a corrente.....	203
Tenho frio e ardo em febre!.....	205
Nel mezzo del camin	209
Solitude.....	211
A canção de Romeu.....	213
A tentação de Xenókrates	217

Porto—Typographia da Empreza Litteraria e Typographica
Rua de D. Pedro, 178 a 184

LIVRARIA PAULISTA
DE
TEIXEIRA & IRMÃO

—♦—
JULIO RIBEIRO

A CARNE, romance naturalista, 1 vol. br..... 3\$000

DR. THEOPHILO DIAS

A CÔMEDIA DOS DEUSES, com um notavel pre-
facio de Pinheiro Chagas, 1 vol... .. 2\$000

GUERRA JUNQUEIRO

A VELHICE DO PADRE ETERNO, 1 grosso vol.... 2\$000

A MUSA EM FÉRIAS, 1 vol.....:..... 2\$000

BERNARDO PINHEIRO, PINDELLA

AZULEJOS, um volume nitidamente impresso e
com um longo prefacio de Eça de Queiroz 2\$000

—♦—

NO PRÉLO

A. D. DA CRUZ E SILVA

O HYSOPE, nova edição augmentada com o *nono canto*,
inedito e authentic.

DR. JULIO DE MATTOS

ESTUDOS CLINICOS E MEDICO-LEGAES SOBRE A LOUCURA
I volume.

LA

e

Z

1010-

LOU

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below,
or on the date to which renewed. Renewals only:

Tel. No. 642-3405

Renewals may be made 4 days prior to date due.
Renewed books are subject to immediate recall.

Due end of FALL Quarter NOV 1 '70 29
subject to recall after —

REC'D LD JAN 11 71 -7 PM

FEB 3 1984 7:2

FEB 3 1985

Feb 3, 1986

MAY 6 1986

REC. CIR. JUN 17 1986

LD21A-60m-8,'70
(N8837s10)476-A-32

General Library
University of California
Berkeley

GENERAL LIBRARY - U.C. BERKELEY



8000803497

